

CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS

(ou como filosofar com o martelo)

F r i e d r i c h N i e t z s c h e

PREFÁCIO

Conservar a sua serenidade frente a algo sombrio, que requer responsabilidade além de toda medida, não é algo que exige pouca habilidade: e, no entanto, o que seria mais necessário do que a serenidade? Nada chega efetivamente a vingar, sem que a altivez aí tome parte. Somente um excedente de força é demonstração de força. - Uma *transvaloração de todos os valores*, este ponto de interrogação tão negro, tão monstruoso, que chega até mesmo a lançar sombras sobre quem o instaura - um tal destino de tarefa nos obriga a todo instante a correr para o sol, a sacudir de nós mesmos uma seriedade que se tomou pesada, por demais pesada. Qualquer meio para tanto é correto, qualquer "caso", um golpe de sorte. Sobretudo a *guerra*. A guerra sempre foi a grande prudência de todos os espíritos que se tornaram por demais ensimesmados, por demais profundos; a força curadora está no próprio ferimento. Uma sentença, cuja origem mantenho oculta frente à curiosidade douda, tem sido há muito meu lema:

*increscunt animi, virescit volnere virtus.*¹

Uma outra convalescença, que sob certas circunstâncias é para mim ainda mais desejável, consiste em *auscultar os ídolos*... Há mais ídolos do que realidades no mundo: este é o meu "mau olhar" em relação a esse mundo, bem como meu "mau ouvido"... Há que se colocar aqui ao menos uma vez questões com o martelo, e, talvez, escutar como resposta aquele célebre som oco, que fala de vísceras intumescidas - que encanto para aquele que possui orelhas por detrás das orelhas! - para mim, velho psicólogo e caçador de ratos que *precisa fazer falar em voz alta* exatamente o que gostaria de permanecer em silêncio...

Também este escrito - o título o denuncia - é antes de tudo um repouso, um feixe de luz solar, uma escorregadela para o seio do ócio de um psicólogo. Talvez mesmo uma nova guerra? E novos ídolos são auscultados?... Este pequeno escrito é uma *grande declaração de guerra*; e no que concerne à ausculta dos ídolos, é importante ressaltar que os que estão em jogo, os que são aqui tocados com o martelo como com um diapasão, não são os ídolos em voga, mas os *eternos*; - em última análise, não há de forma alguma ídolos mais antigos, mais convencidos, mais insuflados... Também não há de forma alguma ídolos mais ocultos... Isto não impede, que eles sejam aqueles em que *mais se acredita*; diz-se também, sobretudo no caso mais nobre, : que eles não são de modo algum ídolos...

Turim, 30 de setembro de 1888, no dia em que chegou ao fim o primeiro livro da *Transvaloração de todos os valores*.

Friedrich Nietzsche

SENTENÇAS E SETAS

1.

O ócio é o começo de toda psicologia. Como? A psicologia seria um - vício?

2.

Mesmo o mais corajoso de nós poucas vezes tem coragem para o que propriamente *sabe*...

3.

Para viver sozinho, é preciso ser um animal ou um deus - diz Aristóteles. Falta ainda a terceira alternativa: é preciso ser os dois ao mesmo tempo - *Filósofo*...

¹ Os espíritos crescem e a virtude floresce, à medida que é ferida. (N.T.)

4.

"Toda verdade é simples (unívoca)". - Isto não é duplamente uma mentira?² -

5.

De uma vez por todas, *não* quero saber muitas coisas. - A sabedoria também traz consigo os limites do conhecimento.

6.

É em nossa natureza selvagem que melhor nos restabelecemos de nosso movimento antinatural, de nossa espiritualidade...

7.

Como? O homem é apenas um erro de Deus? Ou Deus apenas um erro do homem? -

8.

Da Escola de Guerra da Vida - o que não me mata torna-me mais forte.

9.

Ajuda-te a ti mesmo: assim todos te ajudarão. Princípio do amor ao próximo.

10.

Que não se venha a cometer nenhuma covardia contra as próprias ações! Que não as abandonemos em seguida! O remorso é indecente.

11.

Um *asno* pode ser trágico? - Há como perecer sob um peso que não se pode nem carregar, nem lançar fora?... O caso do filósofo.

12.

Quando se possui o "*por quê?*" da vida, então se suporta quase todo "*como?*". - O homem *não* aspira à felicidade; somente o inglês o faz.

13.

O homem criou a mulher. A partir de que porém? De uma costela de seu Deus - de seu "Ideal"...

14.

O quê? Tu procuras? Tu gostarias de te decuplicar, de te centuplicar? Tu procuras adeptos? - Procura *zeros!* -

15.

Os homens póstumos - eu, por exemplo - são pior compreendidos do que os homens ligados ao seu próprio tempo, mas melhor *ouvidos*. Mais exatamente: nunca somos compreendidos e é *dai* que provém nossa autoridade...

16.

² Jogo de palavras praticamente intraduzível: o termo "simples" em alemão significa literalmente o que só possui um setor (*ein-fach*). Duplo por sua vez diz-se 'zwei-fach': o que possui dois setores. Para acompanhar minimamente o intuito do texto, inserimos o termo "unívoco" entre parênteses.

Entre mulheres - "A verdade? Oh, vós não conheceis a verdade! Afinal, a verdade não é um atentado contra todos os nossos pudores?" -

17.

Eis aí um artista como aprecio: modesto em suas necessidades. Só quer efetivamente duas coisas: seu pão e sua arte, - *panem et Circen*³...

18.

Quem não sabe colocar sua vontade nas coisas ainda insere nelas ao menos um *sentido*: isto é, crê que uma vontade já esteja nelas (princípio da "fé").

19.

Como? Vós escolhesse a virtude e o peito estufado, mas olhais ao mesmo tempo invejosamente para as vantagens dos inescrupulosos? Com a virtude *renuncia-se* contudo às "vantagens"... (escrito na porta da casa de um anti-semita.)

20.

A mulher perfeita pratica a literatura como pratica um pecadilho: a título de experiência, de passagem, olhando em torno de si para ver se alguém a nota e *a fim* de que alguém a note...

21.

Não devemos nos inserir senão em situações nas quais não é permitido ter nenhuma virtude aparente; nas quais, como o funâmbulo sobre a sua corda, ou caímos ou nos mantemos - ou o que vier daí...

22.

"Homens maus não possuem canções". - Como acontece de os russos possuírem canções?

23.

"O Espírito Alemão": há dezoito anos uma *contradictio in adjecto*.

24.

À medida que buscamos as origens, vamos nos tornando caranguejos. O historiador olha para trás; até que finalmente também *acredita* para trás.

25.

A satisfação protege até mesmo contra resfriados. Uma mulher que se soubesse bem vestida teria alguma vez se resfriado? Trago à baila o caso em que ela quase não estava vestida.

26.

Desconfio de todos os sistemáticos e me afasto de seus caminhos. A vontade de sistema é uma falta de retidão.

27.

Considera-se a mulher profunda. - Por quê? Porque nela nunca se chega ao fundo. A mulher não é nem mesmo rasa.

28.

³ Pão e circo

Quando a mulher possui virtudes masculinas, não nos resta senão nos evadirmos; e quando ela não possui nenhuma virtude masculina, ela mesma se evade.

29.

"Outrora, quanto a consciência tinha de morder? Que bons dentes ela possuía? E hoje? Quantos lhe faltam?" Pergunta de um dentista.

30.

Raramente cometemos uma única precipitação. Na primeira precipitação faz-se sempre demais. Exatamente por isso comete-se habitualmente ainda uma segunda. - Daí por diante faz-se então muito pouco...

31.

O verme se enconcha quando é chutado. Essa é a sua astúcia. Ele diminui com isso a probabilidade de ser novamente chutado. Na língua da moral: *humildade*. -

32.

Há um ódio à mentira e à dissimulação que nasce de uma apreensão sensível da honra. Há um ódio exatamente como esse que nasce da covardia, visto que a mentira é *proibida* por um mandamento divino. Covarde demais para mentir...

33.

Quão poucas coisas são necessárias para a felicidade! O som de uma gaita. - Sem música a vida seria um erro. O alemão imagina Deus cantando canções.

34.

*On ne peut penser et écrire qu'assis*⁴ (G. Flaubert). É assim que te pego, Nihilista! A pachorra é justamente o *pecado* contra o Espírito Santo. Só os pensamentos que *surgem em movimento* têm valor.

35.

Há casos em que somos como cavalos, nós psicólogos, e permanecemos inquietos: vemos nossas próprias sombras oscilando diante de nós para cima e para baixo. O psicólogo precisa abstrair-se de *si*, a fim de que seja acima de tudo capaz de ver.

36.

Se nós imoralistas fazemos *mal* à virtude? Tão pouco quanto os anarquistas fazem mal aos príncipes. Somente depois de lhes ter alvejado é que estes se sentam firmemente em seus tronos. Moral: *é preciso alvejar a moral*.

37.

Tu corres *à frente*? Tu fazes isto como pastor? Ou como exceção? Um terceiro caso seria o desertor... *Primeiro* caso de consciência.

38.

Tu és autêntico? Ou apenas um ator? Um representante? Ou o próprio representado? Por fim, talvez tu não passes da imitação de um ator... *Segundo* caso de consciência.

39.

⁴ Só se pode pensar e escrever sentado.

Fala o desiludido. Eu procurei por grandes homens, mas sempre encontrei apenas os macacos de seu ideal.

40.

Tu és alguém que observa? Ou que coloca as mãos à obra? - Ou que desvia o olhar e se põe de lado?... *Terceiro* caso de consciência.

41.

Tu queres acompanhar? Ou ir à frente? Ou ir por sua própria conta?... É preciso saber o que se quer e que se quer. *Quarto* caso de consciência.

42.

Estes eram degraus para mim. Servi-me deles para subir e precisei então passar por cima deles. Mas eles pensavam que queria aquietar-me sobre eles...

43.

O que importa que eu tenha razão?!?! Eu tenho por demais razão. E quem hoje ri melhor também ri por último.

44.

A fórmula de minha felicidade: um sim, um não, uma linha reta, uma meta...

O PROBLEMA DE SÓCRATES

1.

Em todos os tempos os grandes sábios sempre fizeram o mesmo juízo sobre a vida: *ela não vale nada*... Sempre e por toda parte se escutou o mesmo tom saindo de suas bocas. Um tom cheio de dúvidas, cheio de melancolia, cheio de cansaço da vida, um tom plenamente contrafeito frente a ela. O próprio Sócrates disse ao morrer: "viver significa estar há muito doente - eu devo um galo a Asclépio curador". O próprio Sócrates estava enfasiado da vida. O que isso *demonstra*? Para onde isso *aponta*? Outrora teria-se dito (ó! Disse-se e forte o suficiente; e avante nossos Pessimistas!): "Em todo caso é preciso que haja algo verdadeiro aqui! O *consensus sapientium* prova a verdade." Ainda falaremos hoje desta forma? Nós *temos o direito* a um tal discurso? "Em todo caso é preciso que algo esteja *doente* aqui" - eis a *nossa* resposta. Em primeiro lugar temos de observar mais de perto esses mais sábios de todos os tempos! Todos eles talvez não estivessem tão firmes sobre as pernas? Talvez estivessem atrasados? Cambaleantes? *Decadentes*? Talvez a sabedoria apresente-se sobre a terra como um corvo, ao qual um pequeno odor de carniça entusiasma?...

2.

Esta irreverência de asseverar que os grandes sábios são *tipos decadentes* abriu-se para mim mesmo exatamente em uma circunstância na qual mais intensamente o preconceito erudito e não-erudito se lhe contrapunha. Reconheci Sócrates e Platão como sintomas de declínio, como instrumentos da decomposição grega, como falsos gregos, como antigregos ("Nascimento da Tragédia" 1872). Aquele *consensus sapientium* - isto fui compreendendo cada vez melhor - não prova sequer minimamente que eles tinham razão quanto ao que concordavam. O consenso demonstra muito mais que eles mesmos, esses mais sábios, possuíam entre si algum acordo *fisiológico* para se colocar frente à vida da mesma maneira negativa - para *precisar* se colocar frente a ela desta forma. Juízos, juízos de valor sobre a vida,

a favor ou contra, nunca podem ser em última instância verdadeiros: eles só possuem o valor como sintoma, eles só podem vir a ser considerados enquanto sintomas. Em si, tais juízos são imbecilidades. É preciso estender então completamente os dedos e tentar alcançar a apreensão dessa *finesse* admirável, *que consiste no fato de o valor da vida não poder ser avaliado*. Não por um vivente, pois ele é parte, mesmo objeto de litígio, e não um juiz; não por um morto, por uma outra razão. - Da parte de um filósofo, ver um problema no *valor da vida* permanece por conseguinte uma objeção contra ele, um ponto de interrogação quanto à sua sabedoria, uma falta de sabedoria. Como? E todos esses grandes sábios? - Eles não seriam senão *decadentes*, eles não teriam sido sequer uma vez sábios? Mas eu retorno ao problema de Sócrates.

3.

Segundo sua origem, Sócrates pertence à camada mais baixa do povo. Sócrates era plebe. Sabe-se, ainda se pode até mesmo ver, quão feio ele era. Mas a feiúra, em si uma objeção, é entre os gregos quase uma refutação. Sócrates era afinal de contas um grego? Muito frequentemente, a feiúra é a expressão de um desenvolvimento cruzado, *emperrado* pelo cruzamento. Em outros casos, ela aparece como desenvolvimento *decadente*. Os antropólogos dentre os criminalistas dizem-nos que o criminoso típico é *feio: monstrum in fronte, monstrum in animo*. Mas o criminoso é um *décadent*. Sócrates era um típico criminoso? Ao menos não o contradiz aquele famoso juízo-fisionômico que soava tão escandaloso aos amigos de Sócrates. Um estrangeiro, que entendia de rostos, disse certa vez na cara de Sócrates, ao passar por Atenas, que ele *era* um monstro e escondia todos os vícios e desejos ruins em si. E Sócrates respondeu simplesmente: "Vós me conheceis, meu Senhor!"

4.

Em Sócrates, a desertificação e a anarquia estabelecidas no interior dos instintos não são os únicos indícios de *décadence*: a superfetação do lógico e aquela *maldade de raquitico*, que o distinguem, também apontam para ela. Não nos esqueçamos mesmo daquelas alucinações auditivas que, sob o nome de o "Daimon de Sócrates", receberam uma interpretação religiosa. Tudo nele é exagerado, bufão, caricatural. Tudo é ao mesmo tempo oculto, cheio de segundas intenções, subterrâneo. - Procuo compreender de que idiosincrasia provém essa equiparação socrática entre Razão = Virtude = Felicidade: essa equiparação que é, de todas as existentes, a mais bizarra, e que possui contra si, em particular, todos os instintos dos helenos mais antigos.

5.

Com Sócrates, o paladar grego transforma-se em favor da dialética: o que acontece aí propriamente? Acima de tudo é um gosto *nobre* que cai por terra. A plebe ascende com a dialética. Antes de Sócrates, recusavam-se as maneiras dialéticas na boa sociedade: elas valiam como más maneiras, elas eram comprometedoras. Se advertia a juventude contra elas. Também se desconfiava de todo aquele que apresentava suas razões de um tal modo. As coisas honestas, tal como as pessoas honestas, não servem suas razões assim com as mãos. É indecoroso mostrar os cinco dedos. O que precisa ser inicialmente provado tem pouco valor. Onde quer que a autoridade ainda pertença aos bons costumes, onde quer que não se "fundamente", mas sim ordene, o dialético aparece como uma espécie de palhaço: ri-se dele, mas não se o leva a sério. - Sócrates foi o palhaço que se *fez levar a sério*: o que aconteceu aí propriamente?

6.

Só se escolhe a dialética, quando não se tem mais nenhuma outra saída. Sabe-se que se suscita desconfiança com ela, que ela é pouco convincente. Nada é mais facilmente dissipável do que um efeito dialético: a experiência de toda e qualquer reunião na qual se conversa, o prova. Ela só serve como *saída drástica* nas mãos daqueles que não possuem nenhuma outra arma. É preciso que se tenha de *estabelecer à força* o seu direito: antes disto não se faz uso algum dela. Por isso, os judeus eram dialéticos; Reinecke Fucks era dialético. Como? Sócrates também o era?

7.

- A ironia de Sócrates é uma expressão de revolta? De ressentimento da plebe? Ele goza enquanto oprimido de sua própria ferocidade nas estocadas do silogismo? Ele *vinga-se* dos nobres que fascina? - À medida que se é um dialético, tem-se um instrumento impiedoso nas mãos. Com ele podemos cunhar tiranos e ridicularizar aqueles que vencemos. O dialético lega ao seu adversário a necessidade de demonstrar que não é um idiota: ele o deixa furioso, mas ao mesmo tempo desamparado. O dialético *despotencializa* o intelecto de seu adversário. Como? A dialética é apenas uma forma de vingança em Sócrates?

8.

Eu dei a entender o que fez com que Sócrates pudesse se tornar repulsivo: permanece tanto mais a ser esclarecido *o fato* de ele ter podido produzir fascínio. Por um lado, Sócrates foi o pioneiro na descoberta de um novo tipo de *Agon*: para o círculo nobre de Atenas, ele foi o seu primeiro mestre de armas. Ele fascinou, à medida que tocou no impulso agonístico dos helenos e que trouxe uma variante para o cerne do embate entre os homens jovens e os rapazinhos. Sócrates também foi um grande *erótico*.

9.

Mas Sócrates desvendou ainda mais. Ele olhou *por detrás* de seus atenienses nobres; ele compreendeu que *seu* caso, a idiossincrasia de seu caso, já não era nenhuma exceção. O mesmo tipo de degenerescência já se preparava em silêncio por toda parte. A velha Atenas caminhava para o fim. - E Sócrates entendeu que todo o mundo *tinha necessidade* dele: de sua mediação, de sua cura, de seu artifício pessoal de autoconservação... Por toda parte os instintos estavam em anarquia; por toda parte estava-se cinco passos além do excesso; o "*monstrum in animo*" era o perigo universal. "Os impulsos querem fazer-se tiranos; precisa-se descobrir um *antitirano*, que seja mais forte"... Quando aquele fisionomista revelou a Sócrates quem ele era, uma caverna para todos os piores desejos, o grande irônico ainda deixou escapar uma palavra, que deu a chave para compreendê-lo. "Isto é verdade, disse ele, mas me tornei senhor sobre todos estes desejos." *Como* Sócrates se assenhorou de si *mesmo*? - No fundo o seu caso foi apenas o caso extremo; apenas o caso mais distintivo disto que outrora começou a se tornar a indigência universal: o fato de ninguém mais se assenhorar de si, de os instintos se arremeterem uns *contra* os outros. Ele fascinou como este caso extremo - sua feiúra apavorante o comunicava a todos os olhares: ele fascinou, como segue *de per si*, ainda mais intensamente enquanto resposta, enquanto solução, enquanto aparência de *cura* para este caso. -

10.

Se se tem necessidade de fazer da *razão* um tirano, como Sócrates o fez, então o risco de que outra coisa faça-se tirano não deve ser pequeno. A racionalidade aparece outrora enquanto *Salvadora*; nem Sócrates, nem seus "doentes" estavam livres para serem racionais. Ser racional foi o seu *último* remédio. O fanatismo, com o qual toda a reflexão grega se lança para a racionalidade, trai uma situação desesperadora. Estava-se em risco, só se tinha uma escolha: ou perecer, ou ser *absurdamente racional*... O moralismo dos filósofos gregos desde Platão está condicionado patologicamente; do mesmo modo que sua avaliação da dialética. A equação Razão = Virtude = Felicidade diz meramente o seguinte: é preciso imitar Sócrates e estabelecer permanentemente *uma luz diurna* contra os apetites obscuros - a luz diurna da razão. É preciso ser prudente, claro, luminoso a qualquer preço: toda e qualquer concessão aos instintos, ao inconsciente conduz *para baixo*...

11.

Dei a entender o que fez com que Sócrates exercesse fascínio: ele parecia ser um médico, um salvador. Faz-se ainda necessário indicar o erro que repousava em sua crença na "racionalidade a qualquer preço"? - Imaginar a possibilidade de escapar da *décadence* através do estabelecimento de uma guerra contra ela é já um modo de iludir a si mesmo criado pelos filósofos e moralistas. O escape está além de suas forças: o que eles escolhem como meio, como salvação, não é senão uma nova expressão da *décadence*. Eles *transformam* sua expressão, mas não a eliminam propriamente. Sócrates foi um mal-entendido. *Toda moral fundada no melhoramento, também a moral cristã, foi um mal-entendido*...

A luz diurna mais cintilante, a racionalidade a qualquer preço, a vida luminosa, fria, precavida, consciente, sem instinto, em contraposição aos instintos não se mostrou efetivamente senão como uma doença, uma outra doença. - Ela não concretizou de forma nenhuma um retorno à "virtude", à "saúde", à felicidade... Os instintos *precisam* ser combatidos esta é a fórmula da *décadence*. Enquanto a vida *está em ascensão*, a felicidade é igual aos instintos.

12.

Ele mesmo compreendeu isso, este que foi o mais prudente de todos os auto-ludibriadores? Ele soube dizer isto por fim a si mesmo em meio à sabedoria de sua *coragem diante da morte*?... Sócrates *queria* morrer. Não foi Atenas, mas *ele* quem deu para si o cálice com o veneno. Ele impeliu Atenas para o cálice com o veneno... "Sócrates não é nenhum médico, falou ele silenciosamente para si mesmo: apenas a morte é aqui a médica... O próprio Sócrates só estava há muito doente..."

A "RAZÃO" NA FILOSOFIA

1.

Os senhores me perguntam o que são todas as idiossincrasias dos filósofos?... Por exemplo, sua falta de sentido histórico, seu ódio contra a representação mesma do vir-a-ser, seu egipcismo. Eles acreditam que desistoricizar uma coisa, torná-la uma *sub specie aeterni*, construir a partir dela uma múmia, é uma forma de honrá-la. Tudo o que os filósofos tiveram nas mãos nos últimos milênios foram múmias conceituais; nada de efetivamente vital veio de suas mãos. Eles matam, eles empalham, quando adoram, esses senhores idólatras de conceitos. Eles trazem um risco de vida para todos, quando adoram. A morte, a mudança, a idade, do mesmo modo que a geração e o crescimento são para eles objeções - e até refutações. O que é não *vem-a-ser*; o que *vem-a-ser* não *é*... Agora, eles acreditam todos, mesmo com desespero, no Ser. No entanto, visto que não conseguem se apoderar deste, eles buscam os fundamentos pelos quais ele se lhes oculta. "É preciso que uma aparência, que um 'engano' aí se imiscua, para que não venhamos a perceber o ser: onde está aquele que nos engana?" "Nós o temos, eles gritam venturosamente, o que nos engana é a sensibilidade! Esses sentidos, *que por outro lado são mesmo totalmente imorais*, nos enganam quanto ao mundo verdadeiro. Moral: conseguir desembaraçar-se do engano dos sentidos, do vir-a-ser, da história, da mentira. História não é outra coisa senão crença nos sentidos, crença na mentira. Moral: dizer não a tudo o que nos faz crer nos sentidos, a todo o resto da humanidade. Tudo isto é o "povo". Ser filósofo, ser múmia, apresentar o monótono-teísmo através de uma mímica de coveiros! - E antes de tudo para fora com o *corpo*, esta *idéia fixa* dos sentidos digna de compadecimento! Este corpo acometido por todas as falhas da lógica, refutado, até mesmo impossível, apesar de ser suficientemente impertinente para se portar como se fosse efetivo!"...

2.

Eu coloco de lado, com elevado respeito, o nome de *Heráclito*. Se o povo dos outros filósofos rejeitou o testemunho dos sentidos porque esses indicavam a multiplicidade e a transformação, ele rejeitou seu testemunho porque indicava as coisas como se elas possuíssem unidade e duração. Também Heráclito foi injusto com os sentidos. Estes não mentem nem como crêem os Eleatas, nem como ele o acreditava - eles não mentem de forma alguma. O que nós *fazemos* com seus testemunhos é que introduz pela primeira vez a mentira. Por exemplo, a mentira da unidade, a mentira da coisidade, da substância, da duração... A "razão" é a causa de falsificarmos o testemunho dos sentidos. Até onde os sentidos indicam o vir-a-ser, o desvanecer, a mudança, eles não mentem... Mas Heráclito sempre terá razão quanto ao fato de que o Ser é uma ficção vazia. O mundo "aparente" é o único: o mundo verdadeiro" é apenas um mundo *acrescentado de maneira mendaz*...

3.

- E que finos instrumentos de observação temos em nossos sentidos! Este nariz, por exemplo, do qual nenhum filósofo ainda falou com veneração e gratidão. Ele é mesmo em verdade o mais delicado dos instrumentos que se encontram à nossa disposição: ele consegue constatar diferenças mínimas de movimento, que o próprio espectroscópio não constata. Hoje não possuímos ciência senão enquanto nos decidimos por *aceitar* os sentidos: por torná-los mais incisivos, por armá-los, por fazê-los aprender a pensar até o fim. O resto é algo que nasceu abortado e que ainda-não-é-ciência: Metafísica, Teologia, Psicologia, Teoria do Conhecimento. *Ou* ciência-formal, teoria dos signos: exatamente como a lógica e aquela lógica aplicada, a matemática. Nelas a efetividade não se apresenta absolutamente como problema nem sequer uma única vez. Elas tampouco se interessam pela colocação da questão acerca de que valor em geral possui uma convenção de signos tal como a lógica. -

4.

A *outra* idiossincrasia dos filósofos não é menos perigosa: consiste em confundir as coisas últimas com as primeiras. Eles colocam no início enquanto início o que vem no fim (infelizmente! pois não devia vir em momento algum!): os "conceitos mais elevados", os conceitos mais universais e vazios, a derradeira fumaça da realidade que evapora. De novo, uma tal disposição é apenas a expressão de seu modo de venerar: o mais elevado não *tem o direito* de surgir do mais baixo, não *tem* de modo algum o *direito* de ter surgido... Moral: tudo o que é de primeira linha precisa ser *causa sui*. A proveniência a partir de algo diverso vale como objeção, como colocação em dúvida de seu valor. Todos os valores superiores são de primeira linha, todos os conceitos mais elevados, o ser, o incondicionado, o Bem, o verdadeiro, o perfeito. Nenhum deles pode ter experimentado o vir-a-ser, conseqüentemente todos *precisam ser causa sui*. Nenhum deles pode porém ser ao mesmo tempo desigual entre si, pode estar em contradição consigo mesmo... É assim que eles descobrem seu conceito estupendo de "Deus"... O derradeiro, o mais tênue, o mais vazio é posto como o primeiro, como causa em si, como *ens realissimum*... Ah! A humanidade levou realmente a sério as dores cerebrais desses doentes, desses tecelões de teias de aranha! - E ela pagou caro por isso!...

5.

- Vejamos em contraposição de que modo diverso nós (- digo nós por cortesia...) consideramos o problema do erro e da aparência. Outrora tomava-se a transformação, a mudança, o vir-a-ser em geral como prova da aparência, como um sinal de que algo tinha se apresentado que necessariamente nos conduzia ao erro. Hoje, ao contrário, vemos até que ponto o fato de o preconceito da razão nos obrigar a fixar a unidade, a identidade, a duração, a substância, a causa, a coisidade, o Ser, nos enreda de certa maneira no erro, nos leva *necessariamente* ao erro. Assim, estamos certos de que, sobre a base de uma verificação rigorosa junto a nós mesmos quanto a esse ponto, o erro está aí. O que se passa aqui, portanto, não é diverso do que acontece com os movimentos dos grandes astros: no que concerte a eles, os nossos olhos são os advogados contínuos do erro; no que concerne ao preconceito da razão, é nossa *linguagem*. Segundo seu aparecimento, a linguagem pertence ao tempo da forma mais rudimentar de psicologia. Inserimo-nos em um fetichismo grosseiro quando trazemos à consciência os pressupostos fundamentais da linguagem metafísica: ou, em alemão, da *razão*. Esse fetichismo vê por toda parte agentes e ações; ele crê na vontade enquanto causa em geral; ele crê no "Eu", no Eu enquanto Ser, no Eu enquanto Substância, e *projeta* essa crença no Eu-substância para todas as coisas. - Só a partir daí a consciência cria então o conceito "coisa"... Por toda parte, o Ser é introduzido através do pensamento, *imputado* como causa. Somente a partir da concepção do "Eu" segue, enquanto derivado, o conceito "Ser"... No começo encontra-se a grande imposição do erro: a assunção de que a vontade é algo que *atua* - de que a vontade é uma *faculdade*... Hoje sabemos que ela é meramente uma palavra... Muito mais tarde, em um mundo milhões de vezes mais esclarecido, veio com espanto à consciência dos filósofos a *segurança*, a *certeza* subjetiva na manipulação das categorias da razão. Eles concluíram que elas não poderiam provir da empiria - toda a empiria já se encontra para eles em contradição. *De onde elas provém então?* - E na Índia, tanto quanto na Grécia, cometeu-se o mesmo engano: "é preciso que já tenhamos estado ao menos uma vez em um mundo mais elevado (ao invés de *em um muito inferior*: o que teria sido a verdade!) e que aí tenhamos nos sentido em casa. É preciso que tenhamos sido divinos,

*pois temos a razão!" De fato, nada teve até aqui um poder de convencimento mais ingênuo do que o erro do Ser - tal como foi formulado, por exemplo, pelos eleatas: pois ele abarca toda e qualquer palavra, toda e qualquer frase, que pronunciamos! - Também os oponentes dos eleatas sucumbiram à sedução de seu conceito de Ser: Demócrito entre outros, quando inventou seu *átomo*... A "razão" na linguagem: oh! mas que velha matrona enganadora! Eu temo que não venhamos a nos ver livres de Deus porque ainda acreditamos na gramática...*

6.

As pessoas ficarão gratas para comigo, se resumir uma visão tão essencial e tão nova em quatro teses: facilitarei com isso a compreensão e provocarei a contradição.

Primeira Proposição. Os motivos que fizeram com que se designasse "este" mundo como aparente fundamentam muito mais sua realidade. - Um *outro* tipo de realidade é absolutamente indemonstrável.

Segunda Proposição. As características que foram dadas ao "Ser verdadeiro" das coisas são características do não-Ser, do *Nada*. Construiu-se o "mundo verdadeiro" a partir da contradição com o mundo efetivo: de fato, o mundo verdadeiro é um mundo aparente, à medida que não passa de uma *ilusão ótica de ordem moral*.

Terceira Proposição. Criar a fábula de um mundo "diverso" desse não tem sentido algum se pressupusermos que um instinto de calúnia, de amesquinamento, de suspeição da vida não exerce poder sobre nós. Neste último caso, nos *vingamos* da vida com a fantasmagoria de uma "outra" vida, de uma vida "melhor".

Quarta Proposição. Cindir o mundo em um "verdadeiro" e um "aparente", seja do modo cristão, seja do modo kantiano (um cristão *pérfido* no fim das contas) é apenas uma sugestão da *décadence*: um sintoma de vida *que decai*... O fato de o artista avaliar mais elevadamente a aparência do que a realidade não é nenhuma objeção contra essa proposição. Pois "a aparência" significa aqui *uma vez mais* a realidade; só que sob a forma de uma seleção, de uma intensificação, de uma correção... O artista trágico não é nenhum pessimista. Ele diz justamente *sim* a tudo que é digno de questão e passível mesmo de produzir terror, ele é *dionisiaco*...

COMO O "MUNDO VERDADEIRO" ACABOU POR SE TORNAR FÁBULA

HISTÓRIA DE UM ERRO

1.

O mundo verdadeiro passível de ser alcançado pelo sábio, pelo devoto, pelo virtuoso. - Ele vive no interior deste mundo, *ele mesmo é este mundo*.

(Forma mais antiga da idéia, relativamente inteligente, simples, convincente. Transcrição da frase: "eu, Platão, *sou* a verdade".)

2.

O mundo verdadeiro inatingível por agora, mas prometido ao sábio, ao devoto, ao virtuoso ("ao pecador que cumpre a sua penitência").

(Progresso da idéia: ela se torna mais sutil, mais insidiosa, mais inapreensível - *ela torna-se mulher*, torna-se cristã...)

3.

O mundo verdadeiro inatingível, indemonstrável, impassível de ser prometido, mas já enquanto pensado um consolo, um compromisso, um imperativo.

(No fundo, o velho sol, só que obscurecido pela névoa e pelo ceticismo; a idéia tornou-se sublime, esvaecida, nórdica, königsberguiana.)

4.

O mundo verdadeiro - inatingível? De qualquer modo, não atingido. E, enquanto não atingido, também *desconhecido*. Conseqüentemente tampouco consolador, redentor, obrigatório: Ao que é que algo de desconhecido poderia nos obrigar?...

(Manhã cinzenta. Primeiro bocejo da razão. O canto de galo do positivismo.)

5.

O "mundo verdadeiro" - uma idéia que já não serve mais para nada, que não obriga mesmo a mais nada - uma idéia que se tornou inútil, supérflua; *conseqüentemente*, uma idéia refutada: suprimamo-la!

(Dia claro; café da manhã; retorno do bom senso e da serenidade; rubor de vergonha de Platão; algazarra dos diabos de todos os espíritos livres.)

6.

Suprimimos o mundo verdadeiro: que mundo nos resta? O mundo aparente, talvez?... Mas não! *Com o mundo verdadeiro suprimimos também o aparente!*

(Meio-dia; instante da sombra mais curta; fim do erro mais longo; ponto culminante da humanidade; *INCIPIT ZARATUSTRA.*⁵)

MORAL COMO CONTRANATUREZA

1.

Todas as paixões têm um tempo em que são meramente nefastas, em que aviltam suas vítimas com o peso da estupidez; e um tempo posterior, muito posterior, em que se casam com o espírito, em que se "espiritualizam". Outrora, em virtude da estupidez na paixão, combatia-se a própria paixão: conjurava-se para a sua aniquilação. Todos os antigos monstros da moral são unânimes quanto a isso: "il faut tuer les passions"⁶. A formulação mais famosa desta sentença encontra-se no Novo Testamento, naquele Sermão da Montanha, no qual, dito de passagem, as coisas não foram consideradas de modo algum *desde o alto*. Aí mesmo, por exemplo, diz-se com respeito à sexualidade: "Se teu olho te escandaliza, arranca-o fora". Por sorte nenhum cristão age segundo este preceito. *Aniquilar* os sofrimentos e os desejos, apenas para evitar sua estupidez e as conseqüências desagradáveis de sua estupidez, se nos apresenta hoje como sendo mesmo apenas uma forma aguda desta última. Não passamos a admirar mais os dentistas que *arrancam* os nossos dentes, para que eles não doam mais... Por outro lado, é preciso confessar com alguma eqüidade que, sobre o solo de crescimento do Cristianismo, o conceito de "*Espiritualização da Paixão*" não podia ser concebido de forma alguma. Como é de fato reconhecido, a igreja primitiva lutou *contra* os "Inteligentes" em favor dos "Pobres de Espírito": como seria possível esperar dela uma guerra inteligente contra a paixão? - A igreja combate o sofrimento através da extirpação em todos os sentidos: sua prática, seu "tratamento" é o *da castração*. Ela nunca pergunta: "como se espiritualiza, se embeleza, se diviniza um desejo?" Em todos os tempos, ela pôs a ênfase da disciplina na supressão (da sensibilidade, do orgulho, do desejo de domínio, de posse e de vingança). - Mas atacar os sofrimentos na raiz é o mesmo que atacar a vida na raiz: a práxis da igreja é *inimiga da vida*...

2.

⁵ "Começa Zaratustra". (N.T.)

⁶ "É preciso destruir as paixões".

O mesmo remédio, a castração e a extirpação, é instintivamente escolhido no interior da luta contra o desejo por aqueles que estão demasiado degenerados, demasiado enfraquecidos em suas vontades, para poderem se impor uma medida nos desejos: por aquelas naturezas que têm necessidade de "La Trappe", dito alegoricamente (e sem alegoria), de qualquer declaração definitiva de inimizade, de um *abismo* entre elas e uma paixão. Os remédios radicais só são indispensáveis para os degenerados. A fraqueza da vontade, falando mais determinadamente, a incapacidade de permanecer *sem* reação frente a um estímulo, é mesmo apenas uma outra forma de degenerescência. - A inimizade radical, a inimizade de morte frente à sensibilidade continua sendo um sintoma digno de reflexão. Com ela tem-se o direito de fazer suposições sobre o estado conjunto de quem é desta forma tão excessivo. - Essa inimizade, esse ódio, aliás, só alcança o seu ápice quando tais naturezas mesmas já não possuem mais firmeza suficiente para seu tratamento radical, para a renúncia a seu "Diabo". Abrange-se com a vista toda a história dos sacerdotes e dos filósofos, incluindo a dos artistas: *não* são os impotentes, *nem tampouco* os ascetas, que lançam o que há de mais venenoso contra os sentidos, mas os ascetas impossíveis, aqueles que teriam tido necessidade de ser ascetas...

3.

A espiritualização da sensibilidade chama-se *amor: ela* é um grande triunfo sobre o Cristianismo. Um outro triunfo é a nossa espiritualização da *inimizade*. Ela consiste em se compreender profundamente o valor que possui o fato de se ter inimigos. Em resumo: frente ao modo como se agia e concluía outrora, se age e conclui agora inversamente. A igreja sempre quis, em todos os tempos, a aniquilação de seus inimigos: nós, imoralistas e anticristãos, vemos nossa vantagem no fato de que a igreja subsiste... No campo político, a inimizade também se tornou agora algo mais espiritualizado. Muito mais prudente, muito mais meditativo, muito *mais cuidadoso*. Quase todos os partidos compreendem que os interesses de sua autoconservação apontam para a necessidade dos partidos opositores não perderem suas forças; o mesmo vale para o grande político. Uma nova criação sobretudo, algo como um novo império, tem os inimigos como mais necessários do que os amigos: somente na oposição ele se sente necessário, somente na oposição *ele se torna* necessário... Nós não nos comportamos de modo diverso frente ao "inimigo interior": também aí espiritualizamos a inimizade, também aí compreendemos seu *valor*. É preciso ser rico em oposições, e só pagando esse preço que se é *fecundo*; só se permanece jovem sob a pressuposição de que a alma não se espreguiça, não anseia pela paz... Nada nos parece mais estranho do que o que era desejável outrora, o que era desejável para o *cristão*: a "paz da alma". Nada nos deixa menos invejosos do que a vaca moral e a felicidade balofa da boa consciência. Renunciou-se à vida grandiosa quando se renunciou à guerra: Em muitos casos, por sorte, a "paz da alma" é apenas um mal-entendido, - algo *diverso* que apenas não sabe se denominar de um modo mais honroso. Sem rodeios e preconceitos, aqui temos alguns casos. A "paz da alma" pode ser, por exemplo, a irradiação suave de uma animalidade rica no interior do campo moral (ou religioso). Ou o começo da fadiga, a primeira sombra que a noite lança, qualquer tipo de noite. Ou um sinal de que o ar está úmido, de que o vento sul se aproxima. Ou a gratidão inconsciente por uma digestão feliz (às vezes chamada "amor aos homens"). Ou a aquietação do convalescente, para o qual todas as coisas possuem um novo sabor, e que espera... Ou o estado que segue a um intenso apaziguamento de nossa paixão dominante, o bem-estar de uma saciedade rara. Ou a senilidade de nossa vontade, de nossos desejos, de nossos vícios. Ou a preguiça, convencida pela vaidade a adornar-se moralmente. Ou a entrada em cena de uma certeza, mesmo de uma certeza terrível, depois da tensão e do martírio produzidos pela incerteza. Ou a expressão da maturidade e do domínio em meio ao agir, criar, efetivar, querer, o respirar tranqüilo, a "Liberdade da Vontade" *alcançada*... *Crepúsculo dos Ídolos*: quem sabe? Talvez também apenas um tipo de "Paz da Alma"...

4.

- Dou formulação a um princípio. Toda e qualquer posição naturalista na moral, isto é, toda e qualquer moral *saudável*, é dominada por um instinto de vida. - Um mandamento qualquer de vida é preenchido por um cânone determinado de "tu deves" e "tu não deves"; um entrave e uma hostilidade quaisquer são assim postos de lado no caminho da vida. A moral *antinatural*, ou seja, quase todas as morais que foram até aqui ensinadas, honradas e pregadas, remete-se, de modo inverso, exatamente *contra* os instintos vitais. Ela é uma *condenação* ora secreta, ora tonitruante e insolente destes instintos.

No que ela diz "Deus observa os corações", ela diz Não aos desejos vitais mais baixos e mais elevados, tomando Deus como *Inimigo da Vida*... O santo, junto ao qual Deus sente prazer, é um castrado ideal... A vida chega ao fim, onde o "Reino de Deus" *começa*...

5.

Suposto que se compreendeu o caráter sacrílego de uma tal insurreição contra a vida, tal como ela se tornou quase sacrossanta no interior da moral cristã, também se compreendeu com isso por sorte algo diverso: o que há de inútil, aparente, absurdo, *mentiroso* em uma tal insurreição. No entanto, uma condenação da vida por parte do vivente permanece sendo em última instância apenas o sintoma de um tipo determinado de vida: sem que com isso se pergunte se uma tal condenação tem ou não razão de ser. Se precisaria ter uma posição *fora* da vida, e, por outro lado, conhecê-la tão bem quanto um, quanto muitos, quanto todos que a viveram, para se ter antes de tudo o direito de tocar o problema do *valor* da vida: razões suficientes para se compreender que esse problema é inacessível para nós. Quando falamos de valores, falamos sob a inspiração, sob a ótica da vida: a vida mesma nos obriga a instaurar valores, a vida mesma valora através de nós *quando* instauramos valores... Daí se segue que também aquela *contranatureza da moral*, que toma Deus por conceito contrário e condenação da vida, é apenas um juízo de valor da vida. - *De que vida? De que tipo de vida?* - Mas eu já dei a resposta: da vida decadente, enfraquecida, cansada, condenada. A moral, tal como foi entendida até aqui - como por fim foi ainda formulada por Schopenhauer, como "negação da vontade de vida" -, é o próprio *instinto da decadence* que se transforma em imperativo. Ela diz: "*Pereça!*" ela é o juízo dos que foram condenados...

6.

Consideremos ainda por fim que ingenuidade patética é em geral dizer que o "homem deveria ser de tal ou de tal modo!" A efetividade nos mostra uma riqueza encantadora de tipos, a exuberância de um jogo e de uma mudança de formas profusos. E um reles serviçal de moralista qualquer diz: "não! o homem deveria ser *diferente?*"... Ele sabe até mesmo como ele deveria ser, este fanfarrão e este beato, ele pinta um auto-retrato na parede e diz "*ecce homo!*"⁷... Mas mesmo quando o moralista se volta simplesmente para o indivíduo e lhe diz: "tu deverias ser de tal e de tal modo!", ele não deixa de se tornar risível. O indivíduo, visto pela frente ou por detrás, é um pedaço de destino, uma lei a mais, uma necessidade a mais para tudo o que advém e será. Dizer-lhe "transforma-te" significa exigir que tudo se transforme, até mesmo ainda o que ficou para trás... E, realmente, houve moralistas conseqüentes; eles queriam os homens diversos, mesmo virtuosos, eles os queriam à sua imagem, mesmo beatos: para tanto eles *negavam* o mundo! Nenhuma pequena sandice! Nenhum tipo modesto de imodéstia!... A moral, à medida que *não condena* a partir de pontos de vista, de considerações e intenções vitais, mas em si, é um erro específico, pelo qual não se deve sentir nenhuma compaixão; a moral é uma *idiossincrasia de degenerados* que provocou muitos e indizíveis danos!... Nós outros, nós imoralistas, ao contrário, abrimos amplamente nosso coração para todo tipo de entendimento, compreensão e *aprovação*. Não negamos facilmente, buscamos nossa honra no fato de sermos *afirmativos*. O olhar abriu-nos cada vez mais para aquela economia que ainda precisa e sabe utilizar tudo isso que o desatino santificado dos sacerdotes, a razão *doentia* nos sacerdotes, rejeita, para aquela economia na lei da vida, que por si própria retira sua vantagem das espécies mais repugnantes de beatos, de sacerdotes, de virtuosos. - *Que vantagem?* - Mas nós mesmos, nós imoralistas, somos aqui a resposta...

OS QUATRO GRANDES ERROS

1.

⁷ "Eis o homem"

O erro oriundo da confusão entre causa e consequência.

- Não há nenhum erro mais perigoso do que *confundir a consequência com a causa*: eu o denomino a própria perversão da razão. Apesar disso este erro pertence aos hábitos mais antigos e mais recentes da humanidade. Ele é mesmo santificado entre nós e porta o nome da "religião", da "moral". *Todas* as proposições que a religião e a moral formulam encerram-no. Sacerdotes e legisladores morais são os autores dessa perversão da razão. - Tomo um exemplo: todo mundo conhece o livro do célebre Cornaro, no qual este aconselha sua dieta parca como receita para uma vida longa e feliz - bem como virtuosa. Poucos livros foram tão lidos. Ele ainda é impresso agora na Inglaterra anualmente em muitos milhares de exemplares. Não tenho a menor dúvida de que nenhum livro (excetuando a Bíblia, bem entendido) provocou tanto mal, *encurtou* tantas vidas, quanto essa singular obra, tão bem intencionada. O motivo para tanto: a confusão entre a consequência e a causa. O honesto italiano viu em sua, dieta a *causa* de sua vida longa: enquanto a condição prévia para uma vida longa, a lentidão extraordinária do metabolismo, o consumo restrito é que eram a causa de sua dieta parca. Ele não tinha a liberdade de comer muito ou pouco, sua frugalidade *não* era uma "vontade livre": ele ficaria doente se comesse mais. No entanto, quem não é uma carpa não apenas faz bem em comer *a valer*, como tem necessidade disso. Um douto *de nossos* dias, com seu consumo rápido das forças nervosas, se aniquilaria com o regime de Cornaro. *Crede experto.* -

2.

A fórmula mais universal, que se encontra na base de toda e qualquer religião, assim como de toda e qualquer moral, é: "Faze isso e isso, deixa isso e isso! Assim, tu te tornarás feliz!" No outro caso... "Toda moral, bem como toda *religião resume-se* a esse imperativo: eu o denomino o pecado hereditário da razão, a *irrazão imortal*. Em minha boca, esta fórmula metamorfoseia-se em seu inverso. - *Primeiro* exemplo de minha "transvaloração de todos os valores": um homem bem constituído, um homem "feliz", *precisa* empreender certas ações e fugir instintivamente de outras, Ele insere em suas relações com os homens e as coisas a ordem que apresenta fisiologicamente. Para exprimir através de uma fórmula: sua virtude é a *consequência* de sua felicidade... Uma vida longa, uma rica prole *não* são a paga pela virtude. Ao contrário, a própria virtude repousa sobre aquele retardamento do metabolismo que, entre outras coisas, tem por consequência uma vida longa, uma rica prole, ou, resumindo, o *cornarismo*. - A igreja e a moral dizem: "O vício e o luxo levam um povo ou uma raça à aniquilação". Minha razão *reconstituída* diz: se um povo perece e vai ao fundo, se ele se degenera fisiologicamente, então *seguem* daí o luxo e o vício (isto é, a necessidade de estímulos cada vez mais intensos e cada vez mais freqüentes, tal como os conhece toda e qualquer natureza extenuada). Este homem jovem empalidece e murcha precocemente. Seus amigos dizem: tal ou tal doença é a causa. Eu digo: *o fato* de ele ter adoecido, *o fato* de ele não ter se oposto à doença, foi justamente o efeito de uma vida empobrecida, de uma extenuação hereditária. O leitor de jornais diz: este partido está a caminho de dissolver-se com um tal erro. Minha política *mais elevada* diz: um partido que comete tais erros está no fim - ele não possui mais sua segurança instintiva. Todo e qualquer erro, de toda e qualquer espécie, é a consequência de uma degradação do instinto, da desagregação da vontade: quase se define com isso o *que é ruim*. Tudo o que é *bom* é instintivo. - E, conseqüentemente, leve, necessário, livre. A fadiga é uma objeção, Deus é tipicamente diferente dos heróis (em minha linguagem: os pés *leves* são o primeiro atributo da divindade).

3.

Erro de uma Causalidade Falsa.

- Sempre se acreditou saber o que é uma causa: mas de onde retiramos nosso saber, mais exatamente, nossa crença neste saber? Do âmbito dos célebres "fatos internos": dos quais nenhum se mostrou até aqui como factual. Acreditávamos em nós mesmos como tendo uma participação causal no ato de vontade; pensávamos *surpreender* aí no mínimo a causalidade *em meio ao ato*. Do mesmo modo, não se duvidava de que todos os *antecedentes* de uma ação, suas causas, pudessem ser buscadas na consciência. E que, buscando-as aí, se as reencontraria - como "motivos". Do contrário, não se teria sido nem livre para a ação, nem responsável por ela. Por fim, quem teria contestado o fato de um pensamento ser causado? O fato de o Eu causar os pensamentos?... Destes três "fatos internos", nos

quais a causalidade parece se respaldar, o primeiro e mais convincente é este da *vontade enquanto causa*; a concepção de uma consciência ("Espírito") enquanto causa, e, posteriormente ainda, a do Eu (do "Sujeito") enquanto causa não nascem senão posteriormente; depois que, pela vontade, a causalidade se firma como um dado, como *empíria (empirismo)*... Entrementes, refletimos melhor. Hoje, não acreditamos mais em nenhuma destas palavras. O "mundo interno" está cheio de ilusões e fogos-fátuos: a vontade é um deles. A vontade não movimenta mais nada, e, por conseguinte, também não esclarece mais nada. - Ela simplesmente acompanha ocorrências e também pode faltar. O assim chamado "motivo": um outro erro. Simplesmente um fenômeno de superfície da consciência, um acessório da ação que, ao invés de apresentar os seus *antecedentes*, antes os oculta. E o que dizer do Eu! Ele se tornou uma fábula, uma ficção, um jogo de palavras: ele parou absolutamente de pensar, de sentir e de querer!... O que segue daí? Não há de modo algum nenhuma causa espiritual! Toda a pretensa empíria inventada para isso foi para o inferno! *Isto segue daí!* - E tínhamos levado adiante um amável abuso com aquela "empíria". A partir daí, tínhamos *criado* o mundo como um mundo de causas, como um mundo da vontade, como um mundo do espírito. Aqui, a psicologia mais antiga e mais duradoura estava em obra, ela não fez absolutamente nada diverso: todo acontecimento era para ela uma ação, toda ação a consequência de uma vontade; o mundo tornou-se para ela uma multiplicidade de agentes e um agente (um "Sujeito") colocou-se por debaixo de todo e qualquer acontecimento. O homem projetou para fora de si seus três "fatos internos", os objetos de sua crença mais firme: a vontade, o espírito, o Eu. - Ele primeiramente extraiu o conceito Ser do conceito Eu, ele posicionou as "coisas" como seres segundo sua imagem, segundo seu conceito do Eu enquanto causa. O que há de espantoso no fato de ele sempre ter recontrado posteriormente nas coisas *aquilo que ele tinha inserido nelas?* - A coisa mesma, dito uma vez mais, o conceito de coisa, é apenas um mero reflexo da crença no Eu enquanto causa... E mesmo ainda seu átomo, meus senhores mecanicistas e físicos! Quanto erro, quanto de psicologia rudimentar ainda se mantém em seu átomo! - E isso para não falar absolutamente da "coisa em si", do *horrendum pudendum* dos metafísicos! O erro de confundir o espírito enquanto causa com a realidade! E tomá-lo medida da realidade! E chamá-lo *Deus!* -

4.

O erro das causas imaginárias.

- Começamos pelo sonho: uma causa é ulteriormente imputada (frequentemente todo um pequeno romance, no qual o que sonha é o personagem principal) a uma determinada sensação - por exemplo a que segue a um distante tiro de canhão. A sensação perdura, entrementes, em um tipo de ressonância: ela espera como que até o instinto causal lhe permitir passar para o primeiro plano. Daí por diante não mais como acaso, mas como "sentido". O tiro de canhão emerge de uma maneira *causal*, em uma aparente inversão do tempo. O tardio, a motivação, é vivenciado em primeiro lugar; frequentemente com centenas de singularidades que, passando ao largo como no raio, o tiro segue... O que aconteceu? As representações, que *produziram* uma certa disposição, foram mal compreendidas e transformadas em suas causas. - De fato, agimos da mesma forma quando estamos acordados. A maioria de nossos sentimentos universais - todo e qualquer tipo de inibição, pressão, tensão, explosão no jogo de ação e reação dos órgãos, assim como em particular o estado do *nervo simpático* - excita nosso impulso causal: queremos um *motivo* para nos sentirmos dispostos *de tal ou tal modo*, para nos sentirmos mal ou bem dispostos. Nunca é suficiente para nós constatar o fato de nos sentirmos dispostos de tal ou tal modo: só aceitamos esse fato - *só tomamos consciência* dele quando lhe entregamos um tipo de motivação. - A recordação que, sem nosso saber, entra em atividade em tais casos, traz à tona estados anteriores do mesmo tipo e interpretações causais que aí estão articuladas - *não* sua causalidade. Decerto, a crença em que as representações, os processos de consciência acompanhantes, tinham sido as causas, também é trazida à tona pela recordação. Assim surge o *hábito* de uma determinada interpretação causal, que em verdade impede e mesmo exclui a *investigação*.

5.

Explicação Psicológica para isso.

- Reconduzir algo desconhecido a algo conhecido alivia, tranquiliza, satisfaz e dá, além disso, um sentimento de potência. Junto com o desconhecido é dado o perigo, a inquietude, a preocupação - o

primeiro instinto aponta para a *eliminação* destes estados penosos. Primeiro Princípio: qualquer explicação é melhor do que explicação nenhuma. Porque no fundo se trata apenas de querer livrar-se de representações angustiantes, não se considera com a exatidão necessária os meios de produzir um tal movimento. A primeira representação, com a qual o desconhecido se explica como conhecido, faz tão bem que se a "toma por verdadeira". Prova do *prazer* ("da força") como *critério* de verdade. O impulso causal está assim condicionado e provocado pelo sentimento de medo. Se houver alguma possibilidade, o "por quê?" não deve tanto entregar a causa em virtude dela mesma, mas entregar sim um *tipo de causa*. - Uma causa que aquiete, que liberte e que tome mais leve. A primeira consequência dessa necessidade é o fato de que algo já *conhecido*, vivenciado e inscrito na memória como causa é posto em anexo. - O novo, o não-vivenciado, o estranho são excluídos enquanto causa. Não se busca com isto apenas uma espécie de explicações como causa, mas sim uma *espécie escolhida e privilegiada* de explicações, que tragam consigo o mais rápida e freqüentemente possível a extinção do sentimento do estranho, do novo, do não-vivenciado: as explicações *mais usuais*. - Consequência: uma espécie de posicionamento das causas torna-se cada vez mais preponderante; concentra-se sistematicamente e mostra-se por fim como *dominante*, isto é, exclui simplesmente outras causas e explicações. - O banqueiro pensa imediatamente no "negócio", o cristão no "pecado", a moça em seu amor.

6.

Todo o âmbito da moral e da religião pertence a este conceito das causas imaginárias.

- "Explicação" dos sentimentos universais *desagradáveis*. Estes sentimentos são condicionados pelos seres que são nossos inimigos (os espíritos maus são o caso mais célebre - as histéricas que foram mal compreendidas como bruxas). Eles são condicionados por ações que não são passíveis de aprovação (o sentimento do "pecado", do "caráter pecaminoso", "imputado" a um mal-estar fisiológico - sempre se encontra razões para se estar descontente consigo mesmo). Eles são condicionados como punições, como a paga por algo que não deveríamos ter feito, para algo que não deveríamos ter sido (idéia universalizada de forma impudente por Schopenhauer através de uma proposição, na qual a moral aparece como o que é, como a própria envenenadora e caluniadora da vida: "toda e qualquer grande dor, seja ela corporal, ou espiritual, expressa o que merecemos; pois ela não poderia advir-nos, se não a merecêssemos". *Mundo como Vontade e Representação*, 2, 666). Eles são condicionados enquanto consequências de ações irrefletidas que prosseguem terrivelmente (os afetos, os sentidos são estipulados como causas, como "culpáveis"; estados de necessidade fisiológicos interpretados com a ajuda de *outros* estados de necessidade como "merecidos"). - "Explicação" dos sentimentos universais *agradáveis*. Eles são condicionados pela confiança em Deus. Eles são condicionados pela consciência de boas ações (a assim chamada "boa consciência"; um estado fisiológico que por vezes parece tão similar a uma digestão feliz, que chegamos a confundi-los). Eles são condicionados pelo desenlace feliz de certos empreendimentos (falsa conclusão, de uma ingenuidade patética: o desenlace feliz de um empreendimento não cria, para um hipocondríaco ou para um Pascal, nenhum sentimento universal agradável). Estes são condicionados pela crença, pelo amor, pela esperança - as virtudes cristãs. - Em verdade, todas estas pretensas explicações são *consequências* de estados de prazer e de desprazer traduzidos, por assim dizer, em um falso dialeto: se está em condições de ter esperanças *porque* o sentimento fundamental fisiológico está de novo forte e rico; confia-se em Deus *porque* o sentimento de plenitude e de força entrega ao indivíduo a quietude. - A moral e a religião pertencem completamente à *psicologia do erro*: em todos os casos particulares, a causa e o efeito são confundidos; ou bem a verdade é confundida com o efeito *do que se crê* como verdadeiro; ou bem um estado de consciência com a causalidade desse estado.

7.

Erro da vontade livre.

- Hoje já não temos mais nenhuma compaixão pelo conceito de "vontade livre": sabemos muito bem o que ele é - o mais suspeito artifício dos teólogos que existe; um artifício que tem por objetivo fazer com que a humanidade se torne "responsável" à moda dos teólogos, isto é, que *visa fazer com que a humanidade seja dependente deles...* Eu ofereço aqui apenas a psicologia de toda e qualquer atribuição de responsabilidade. - Onde quer que as responsabilidades sejam procuradas, aí costuma estar em ação o

instinto de *querer punir e julgar*. Despiu-se o vir-a-ser de sua inocência, quando se reconduziram os diversos modos de ser à vontade, às intenções, aos atos de responsabilidade. A doutrina da vontade é inventada essencialmente em função das punições, isto é, em função *do querer-estabelecer-a-culpa*. Toda a psicologia antiga, a psicologia da vontade, tem seu pressuposto no fato de que seus autores, os sacerdotes no topo das comunidades antigas, queriam criar para si um *direito* de infligir penas - ou queriam ao menos criar um direito para que Deus o fizesse... Os homens foram pensados como "livres", para que pudessem ser julgados e punidos - para que pudessem ser *culpados*. Conseqüentemente, toda ação *precisaria* ser considerada como desejada, a origem de toda ação como estando situada na consciência (- com o que a *mais fundamental* fabricação de moedas falsas transformou-se, no interior do psicologismo, em princípio da própria psicologia...). Hoje, quando adentramos o movimento *inverso*, quando nós imoralistas buscamos novamente com toda força sobretudo retirar do mundo o conceito de culpa e o conceito de punição, purificando destes conceitos a psicologia, a história, a natureza, as instituições e as sanções comunitárias, não há em nossos olhos nenhum antagonismo mais radical do que o em relação aos teólogos que continuam a infectar a inocência do vir-a-ser com as noções de "punição" e "culpa", a partir do conceito de "ordem moral do mundo". O cristianismo é uma metafísica de carrasco...

8.

Qual pode ser *nossa* única doutrina?

- Que ninguém *dá* ao homem suas propriedades; nem Deus, nem a sociedade, nem seus pais e ancestrais, nem *ele mesmo* (- o contra-senso da representação, aqui por fim recusada, é ensinado por Kant, e talvez mesmo já por Platão, como "liberdade inteligível"). *Ninguém* é responsável em geral por ele existir, por ele ser constituído de tal ou tal modo, por ele se encontrar sob estas circunstâncias, nesta ambiência. A fatalidade de sua existência não pode ser separada da fatalidade de tudo o que foi e de tudo o que será. O homem *não* é a conseqüência de uma intenção própria, de uma vontade, de uma finalidade. Com ele *não* é feita a tentativa de alcançar um "ideal de homem" ou um "ideal de felicidade" ou um "ideal de moralidade". - É absurdo querer fazer *rolar* sua existência em direção a uma finalidade qualquer. Nós inventamos o conceito de "finalidade": na realidade falta a finalidade... É-se necessariamente, se é um pedaço de fatalidade, se pertence ao todo, *se está* no todo. Não há nada que pudesse julgar, medir, comparar, condenar nosso ser, pois isso significaria julgar, medir, comparar, condenar o todo... *Mas não há nada fora do todo!* Que ninguém mais seja responsável, que o modo de ser não possa ser reconduzido a uma *causa prima*, que o mundo não seja uma unidade nem enquanto mundo sensível, nem enquanto "espírito": *só isso é a grande libertação*. - Com isso a *inocência* do vir-a-ser é restabelecida... O conceito de "Deus" foi até aqui a maior *objeção* contra a existência... Nós negamos Deus, negamos a responsabilidade em Deus: somente *com isso* redimimos o mundo.

OS "MELHORADORES" DA HUMANIDADE

1.

Conhece-se minha exigência de que os filósofos se coloquem *para além* do Bem e do Mal, - de que eles tenham *abaixo* de si a ilusão do juízo moral. Esta exigência deriva-se de uma intelecção que foi formulada pela primeira vez por mim: a intelecção *de que não há absolutamente nenhum fato moral*. O juízo moral possui em comum com o juízo religioso a crença em realidades que não são de modo algum realidades. A moral é apenas uma exegese de certos fenômenos; falando mais determinadamente, ela é uma exegese *equivocada*. O juízo moral pertence, tanto quanto o religioso, a um grau de insciência, no qual falta até mesmo o conceito do real, a diferenciação entre o real e o imaginário: de maneira que, em um tal grau, a "verdade" não faz senão designar as coisas que hoje chamamos "construções imaginárias". A esse respeito, o juízo moral nunca pode ser tomado ao pé da letra: ele nunca encerra enquanto tal mais do que um absurdo. Mas ele permanece inestimável enquanto *Semiótica*: ao menos

para os que sabem ele revela as realidades mais preciosas das culturas e das interioridades, que não *sabiam* o bastante de si para "entenderem" a si mesmas. A moral é meramente um discurso de signos, meramente sintomatologia: é preciso já saber *do que* se trata para tirar dela algum proveito.

2.

De maneira totalmente provisória, eis um primeiro exemplo! Em todos os tempos quis-se "melhorar" os homens: este anseio antes de tudo chamava-se moral. Mas sob a mesma palavra escondem-se todas as tendências mais diversas. Tanto a *domesticação* da besta humana quanto a *criação* de um determinado gênero de homem foi chamada "melhoramento": somente estes termos zoológicos expressam realidades. Realidades das quais com certeza o sacerdote, o típico "melhorador", nada sabe - nada *quer* saber... Chamar a domesticação de um animal seu "melhoramento" soa, para nós, quase como uma piada. Quem sabe o que acontece nos amestramentos em geral duvida de que a besta seja aí mesmo "melhorada". Ela é enfraquecida, tornam-na menos nociva, ela se transforma em uma besta *doentia* através do afeto depressivo do medo, através do sofrimento, através das chagas, através da fome. - Com os homens domesticados que os sacerdotes "melhoram" não se passa nada de diferente. Na baixa Idade Média, onde de fato a igreja era antes de tudo um amestramento, caçava-se por toda parte os mais belos exemplares das "bestas louras". "Melhoravam-se", por exemplo, os nobres alemães. Mas com o que se parecia em seguida um tal alemão "melhorado", seduzido para o interior do claustro? Com uma caricatura do homem, com um aborto. Ele tinha se tornado um "pecador", ele estava em uma jaula, tinham-no encarcerado entre puros conceitos apavorantes... Aí jazia ele, doente, miserável, malévolo para consigo mesmo; cheio de ódio contra os impulsos à vida, cheio de suspeita contra tudo que ainda era forte e venturoso. Resumindo, um "Cristão"... Fisiologicamente falando: o único meio de enfraquecer a besta em meio à luta contra ela *pode* ser adoecê-la. A igreja compreendeu isso: ela *perverteu* o homem, ela o tornou fraco, mas pretendeu tê-lo "melhorado"...

3.

Tomemos o outro caso da assim chamada moral, o caso da *criação* de uma determinada raça e espécie. O exemplo mais grandioso disso é dado pela moral indiana, sancionada religiosamente enquanto "Lei de Manu". A tarefa de não cultivar menos do que quatro raças de uma só vez está aqui colocada: uma raça sacerdotal, uma guerreira, uma de comerciantes e de agricultores, e, finalmente, uma raça de serviçais, os sudras. Evidentemente, não estamos mais aqui entre domadores de animais: uma espécie cem vezes mais sutil e racional de homem é o pressuposto para que se possa mesmo apenas conceber o plano de uma tal criação. Respira-se melhor e mais profundamente quando se sai da atmosfera de cárcere e de doença cristã e se adentra este mundo mais saudável, mais elevado, *mais amplo*. Quão miserável é o "novo testamento" diante de Manu, como ele cheira mal! - Mas também esta organização sentiu a necessidade de ser *terrível*. - Desta vez não na luta com a besta, mas com o conceito que *lhe* é contraposto, com o homem que não se deixa cultivar, com o homem da mistura, com o chandala. - E ela não teve uma vez mais nenhum outro meio de torná-lo inofensivo, fraco, senão *adoecê-lo* - esta foi a luta com o "grande número". Talvez não haja nada mais contraditório para o nosso sentimento do que *estas* medidas de proteção da moral hindu. O terceiro edito (Avadana-Sastra I), por exemplo, o dos "legumes impuros", ordena que a única alimentação permitida ao chandala deve ser o alho e a cebola, visto que o escrito sagrado proíbe dar-lhes cereais ou frutos que contenham grãos, bem como proíbe dar-lhes *água ou* fogo. O mesmo edito estabelece que a água, da qual eles têm necessidade, não pode ser pega nem nos rios, nem nas fontes, nem dos tanques, mas somente nas vias de acesso aos pântanos e nos buracos que surgem das pegadas dos animais. Do mesmo modo lhes é proibido lavar suas roupas, bem como *lavar a si mesmos*, à medida que a água que lhes é concedida pela graça só pode ser utilizada para matar a sede. Por fim, uma proibição que se dirige às mulheres dos sudras, a proibição de auxiliar as mulheres chandalas no nascimento; da mesma forma que para estas últimas ainda é proibida *a ajuda mútua*... O resultado de uma tal polícia sanitária não tardou: epidemias homicidas, doenças venéreas espantosas e então novamente "a lei da faca", ordenando a circuncisão para as crianças do sexo masculino, a ablação dos pequenos lábios para as crianças do sexo feminino. O próprio Manu diz: "Os chandalas são o fruto do adultério, do incesto e do crime (- esta a consequência *necessária* do conceito de criação). Elas só devem ter por vestimentas os farrapos dos cadáveres, por louça potes arrebatados, por jóias ferro antigo, por serviço religioso apenas os maus espíritos; elas

devem errar de um lugar para o outro sem descanso. É-lhes proibido escrever da esquerda para a direita e servir-se da mão direita para escrever: a utilização da mão direita e da escrita da esquerda para a direita é reservada apenas aos *virtuosos*, às pessoas de *raça*". -

4.

Estes decretos são bastante instrutivos: neles temos a humanidade *ariana*, totalmente pura, totalmente originária. Aprendemos que o conceito de "sangue puro" é o oposto de um conceito inofensivo, Por outro lado, fica claro em *que* povo perpetuou-se o ódio, o ódio da chandala contra esta "humanidade". Em que povo o ódio se transformou em religião, em *gênio*... Sob este ponto de vista, os evangelhos são documentos de primeira linha; mais ainda o livro de Henoch. - O cristianismo, que surge da raiz judia e só é compreensível como uma planta deste solo, representa o *movimento de oposição* à toda moral da criação, da raça, do privilégio: ele é a religião *antiariana par excellence*. O cristianismo, a transvaloração de todos os valores arianos, a vitória dos valores do chandala, o evangelho pregado aos pobres e aos humildes, a insurreição conjunta de todas as camadas mais baixas, dos miseráveis, dos fracassados, deserdados contra a "raça". - A vingança imortal do chandala como *religião do amor*...

5.

A moral da *criação* e a moral da domesticação são plenamente dignas uma da outra, no que concerne aos meios de se impor. Podemos apresentar como princípio mais elevado o seguinte: para levar a termo a *moral* é necessário ter a vontade incondicionada do contrário. Este é o grande problema, o problema *sinistro*, ao qual persegui mais longamente: a psicologia dos "melhoradores" da humanidade. Um fato diminuto e no fundo modesto, este da assim chamada *pia fraus*⁸, abriu-me um primeiro acesso a este problema. A *pia fraus* foi a herança de todos os filósofos e sacerdotes que "melhoraram" a humanidade. Nem Manu, nem Platão, nem Confúcio, nem as doutrinas hebréias e cristãs jamais duvidaram de seu direito à mentira. Eles duvidaram de *direitos totalmente diversos*... Expresso em uma fórmula, poder-se-ia dizer: todos os meios, através dos quais até aqui a humanidade deveria se tornar moral, foram fundamentalmente *imorais*.

O QUE FALTA AOS ALEMÃES

1.

Entre os alemães não é suficiente hoje ter espírito: precisa-se ainda detê-lo, *arrogar-se* espírito...

Talvez conheça os alemães, talvez possa mesmo dizer-lhes um par de verdades. A nova Alemanha apresenta uma grande quantidade de habilidades hereditárias e adquiridas, de modo que ela pode mesmo gastar profusamente durante um tempo o tesouro acumulado de forças. *Não* foi uma cultura elevada que se tornou senhora junto com ela, nem tampouco um paladar delicado, uma nobre "beleza" dos instintos. Ao contrário, foram virtudes *mais varonis* do que poderia apresentar um outro país da Europa. Muito da boa coragem e do respeito para consigo mesmo, muito da segurança na lida com as pessoas e as coisas, bem como na reciprocidade dos deveres, muito da concentração no trabalho, muito dá perseverança e uma moderação herdada, que carece antes de aguilhão do que de travas. Acrescento que aqui ainda se obedece, sem que a obediência humilhe... E ninguém despreza seu oponente...

Vê-se que é meu desejo fazer justiça aos alemães: não gostaria de vir-a-ser desleal quanto a isso. - Também preciso lhes apresentar então minha objeção. Paga-se caro para chegar ao poder: o poder *emburrece*... Os alemães - se os chamou um dia o povo dos pensadores: eles ainda pensam hoje em dia? - Os alemães entediam-se agora com o espírito, os alemães desconfiam agora do espírito, a política devora toda a gravidade para as coisas realmente espirituais. - "Alemanha, Alemanha acima de tudo!"⁹ Eu temo que este tenha sido o fim da filosofia alemã... "Há filósofos alemães? Há poetas alemães? Há

⁸ Mentira piedosa. (N.T.)

⁹ primeiro verso duma canção nacional alemã (N. T.)

bons livros alemães?" - as pessoas me perguntam no estrangeiro. Eu coro, mas com a valentia que me é tão própria mesmo nos casos mais desesperadores respondo: "*Sim, Bismarck!*" -Teria mesmo o direito de apenas confessar que livros se lê hoje em dia?... Maldito instinto da mediocridade!

2.

- O que *poderia* ser o espírito alemão, quem já não teria experimentado seus pensamentos melancólicos sobre isso! Mas esse povo emburrou-se arbitrariamente, desde quase um milênio: em nenhum outro lugar, os dois grandes narcóticos europeus, álcool e cristianismo, foram mais viciosa e abusivamente utilizados. Recentemente, até mesmo um terceiro narcótico veio ainda acrescentar-se a esses dois; um com o qual é possível aniquilar sozinho toda mobilidade sutil e audaz do espírito: a música, nossa música alemã entulhada e entulhadora. - Quanto há do peso enfadado, do aleijão, da umidade, do robe, quanto há de *cerveja* na inteligência alemã! Como é afinal possível que homens jovens, dedicando sua existência aos fins mais espirituais, não sintam em si o primeiro instinto da espiritualidade, *o instinto da autoconservação do espírito*, e bebam cerveja?... O alcoolismo da juventude erudita talvez não seja ainda nenhum ponto de interrogação no que concerne à sua erudição. Pode-se, mesmo sem espírito, ser um grande erudito. Mas se considerarmos de qualquer outro modo, ele permanece um problema. Onde não se encontraria a suave degradação que a cerveja produz no espírito! Em um caso que quase se tornou célebre, uma vez coloquei o dedo em uma tal degradação - a degradação de nosso primeiro espírito livre alemão, do *inteligente* David Strauss; o homem que se transformou no autor de um evangelho de cervejaria e de uma "nova crença"¹⁰... Não à toa fez ele seu elogio à "amada loura" em versos. - Fiel até a morte...

3.

- Falei do espírito alemão: que ele vem se tornando mais rude, que ele vem se aplanando. Isto é suficiente? - No fundo, o que me espanta é uma coisa totalmente diversa. Como a seriedade alemã, a profundidade alemã, a *paixão* alemã pelas coisas do espírito vai declinando sempre mais. O *pathos* transformou-se, não apenas a intelectualidade. - Eu refiro-me aqui e acolá às universidades alemãs: que atmosfera reina entre seus eruditos, que deserto, que espiritualidade tornada sóbria e tépida! Seria um mal-entendido profundo, além de uma prova de que não se leu nenhuma palavra do que escrevi, se se quisesse me objetar aqui através da menção à ciência alemã. Há dezessete anos não me canso de lançar luz sobre a influência *desespiritualizadora* de nossos impulsos científicos atuais. O duro hilotismo, à qual a monstruosa extensão da ciência condena hoje todos os indivíduos, é um dos fundamentos principais para o fato de as naturezas mais plenas, mais ricas, mais *profundamente* constituídas não encontrarem mais nenhuma educação e nenhum *educador* que lhes seja adequado. Nossa cultura não padece em nada mais do que em uma superabundância de serviços pretensiosos e humanidades fragmentárias. Nossas universidades são, *contra* a sua vontade, as próprias estufas para esse tipo de estorvamento dos instintos do espírito. E toda a Europa já tem um conceito disto - a grande política não ilude ninguém... A Alemanha vive cada vez mais como a *planície* da Europa. - Ainda busco um alemão, com o qual pudesse ser sério à minha maneira - e tanto mais procuro por um com o qual tivesse o direito de permanecer sereno! *Crepúsculo dos ídolos*: ah! quem é capaz de conceber hoje *de que tipo de seriedade* um eremita se restabelece aqui! - A serenidade é em nós o mais incompreensível...

4.

Pode-se calcular aproximadamente certos custos: não é apenas evidente que a cultura alemã está em decadência, mas também não falta razão suficiente para que isso aconteça. Enfim, ninguém pode despende mais do que possui: isto vale tanto para os indivíduos, quanto para os povos. Despende-se muito com o poder, com a grande política, com a economia, com o comércio internacional, com o parlamentarismo, com os interesses militares - se dissiparmos com *este lado o quantum* de entendimento, de seriedade, de vontade, de auto-superação, que se é, então ele faltará para o outro. A cultura e o Estado - que não nos enganemos quanto a isso - são antagonistas: o "Estado Cultural" é apenas uma idéia moderna. Cada um deles vive do outro, cada um prospera à custa do outro. Todos os

¹⁰ Refere-se a *A antiga e a nova fé*, do mesmo (N.T.)

grandes tempos da cultura são tempos de decadência política: o que é grande no sentido da cultura sempre foi apolítico, mesmo *antipolítico*. O coração de Goethe abriu-se juntamente com o fenômeno de Napoleão - ele fechou-se novamente junto com as "guerras de independência"... No mesmo instante em que a Alemanha irrompe como uma grande potência, a França conquista uma importância transformada enquanto *potência cultural*. Já hoje, uma seriedade muito nova, uma *paixão* do espírito muito nova mudou-se para Paris; a questão do Pessimismo, por exemplo, a questão de Wagner, quase todas as questões psicológicas e artísticas são consideradas de modo muito mais sutil e fundamental do que na Alemanha. - Os alemães são mesmo *incapazes* deste tipo de seriedade. - Na história da cultura européia, a ascensão do "império" significa antes de tudo uma coisa: uma *mudança no centro de gravidade*. Já se sabe por toda parte que: no tocante ao principal - e isso ainda é a cultura -, os alemães não se encontram mais sob o foco de consideração. Pergunta-se também: vós tendes ao menos um espírito *digno de nota* para mostrar à Europa? Um espírito tal como o vosso Goethe, o vosso Hegel, o vosso Heinrich Heine, o vosso Schopenhauer para contabilizar? O espanto é infundo, ao percebermos que não há mais nem um único filósofo alemão.

5.

O que há de principal para toda a educação superior perdeu-se na Alemanha: a finalidade tanto quanto o *meio* para a finalidade. Esqueceu-se do fato de que a meta é a própria educação, a própria formação, e *não* "o império": o fato de que se precisava de *educadores* para alcançar essa meta - e *não* professores ginásiais e eruditos universitários... Educadores são necessários, educadores *que sejam eles mesmos educados*, espíritos superiores e nobres, que mostrem seu valor a cada instante, através da palavra e do silêncio, culturas que se tornaram maduras e *doces*. - *Não* estes brutescos eruditos que os ginásios e as universidades oferecem hoje em dia à juventude como "amém superior". *Faltam* educadores, descontadas as exceções das exceções, a *primeira* condição prévia da educação: *dai* a decadência da cultura alemã. - Uma dessas exceções das mais raras de todas é meu amigo Jakob Burckhardt de Basiléia, um homem digno de veneração: é a ele que Basiléia deve, em primeiro lugar, sua proeminência no que concerne às humanidades. - O que as "escolas superiores" alemãs conseguem de fato alcançar é um adestramento brutal para, com o dispêndio de tempo mais restrito possível, tornar um sem número de homens jovens utilizáveis para o serviço público; o que significa dizer, *passíveis de serem explorados* por ele. "Educação superior" e *um sem número de educandos*: isto é por princípio uma contradição em si mesmo. Toda e qualquer educação superior pertence apenas à exceção: é preciso que se seja privilegiado, para se ter o direito a um tão elevado privilégio. Todas as coisas boas, assim como todas as belas nunca podem ser um bem comum: *pulchrum est paucorum hominum*¹¹. - O que *condiciona* a decadência da cultura alemã? O fato da "educação superior" não ser mais nenhuma *prerrogativa*: o democratismo da "formação universal", da "formação" que se tornou *comum*... Não esquecer que os privilégios militares impõem formalmente a *freqüência demasiado intensa* das escolas superiores, isto é, seu declínio. - Ninguém mais se encontra livre para dar, na Alemanha atual, uma educação nobre para suas crianças: nossas escolas "superiores" estão todas elas direcionadas pela mediocridade mais ambígua, com professores, com planos de aula, com objetivos pedagógicos. E por toda parte reina uma pressa indecente, como se fosse uma falta grave para o homem jovem ainda não estar "pronto" aos 23 anos, ainda não saber responder à "pergunta principal": *que* profissão escolher? - Um tipo superior de homem, seja dito com vossa permissão, não ama "profissões", exatamente pelo fato de se saber diante de um chamamento... Ele tem tempo, ele toma o tempo para si, - ele não pensa de modo algum em ficar "pronto". Com trinta anos se é, no sentido da cultura superior, um principiante, uma criança. - Nossos ginásios apinhados, nossos professores de ginásio sobrecarregados e tornados estúpidos são um escândalo: para defender este estado de coisas, como fizeram recentemente os professores de Heidelberg, tem-se talvez *causas*. Mas não há razões para ele.

6.

- Eu apresento a partir de agora, para não perder o meu jeito *afirmativo*, este jeito que só tem a ver mediada e involuntariamente com a contradição e a crítica, as três tarefas em virtude das quais se precisa de educadores. Tem-se de aprender a *ver*, tem-se de aprender a *pensar*, tem-se de aprender a *falar* e

¹¹ Poucos homens participam do belo. (N.T.)

escrever: o alvo em todas as três é uma cultura nobre. - Aprender a *ver*: acostumar os olhos à quietude, à paciência, a aguardar atentamente as coisas; protelar os juízos, aprender a circundar e envolver o caso singular por todos os lados. Esta é a *primeira* preparação para a espiritualidade: *não* reagir imediatamente a um estímulo, mas saber acolher os instintos que entram e isolam. Aprender a *ver*, assim como eu o entendo, é quase isso que o modo de falar não-filosófico chama de a vontade forte: o essencial nisso é precisamente o fato de *poder não* "querer", de *poder* suspender a decisão. Toda ação sem espiritualidade, bem como toda vulgaridade repousa sobre a incapacidade de sustentar uma oposição a um estímulo - o "*precisa-se* reagir" segue-se a cada impulso. Em muitos casos, uma tal necessidade já é prova de um caráter doentio, de decadência, de um sintoma de esgotamento. - Quase tudo que a rudeza não-filosófica denomina com o nome de "vício" é meramente aquela incapacidade fisiológica de *não* reagir. Uma aplicação do ter-aprendido-a-ver: à medida que nos tornamos *um destes que aprende*, nos tornamos em geral lentos, desconfiados e resistentes. Deixa-se inicialmente advir todo tipo de coisa estranha e *nova* com uma quietude hostil - se retirará a mão daí. O ter todas as portas abertas, o deitar de braços submisso diante de todo e qualquer pequeno fato, o inserir-se e o *lançar-se* sempre pronto para o salto no diverso, em resumo a célebre "objetividade moderna" é de mau gosto, é *não-nobre par excellence*.

7.

Aprender a *pensar*: não se tem mais em nossas escolas nenhuma noção do que isso significa. Mesmo nas universidades, até mesmo entre os eruditos da filosofia começa a extinguir-se a lógica enquanto teoria, enquanto prática e enquanto *ofício*. Lê-se livros alemães: não há agora a mais remota lembrança de que é necessário ao pensamento uma técnica, um plano de estudo, uma vontade de domínio - de que o pensar deve ser aprendido, como o dançar é aprendido, como um tipo de dança... Quem ainda conhece por experiência dentre os alemães aquele sutil arpejo, que faz transbordar em todos os músculos os *pés leves* das coisas espirituais! - O aparvalhamento inflexível dos gestos espirituais, a mão *pesada* no manusear - isto é alemão a um tal ponto que, no estrangeiro, se o confunde com a essência alemã em geral. O alemão não tem dedos para as *nuances*... Do mesmo modo, o fato de os alemães terem apenas suportado seus filósofos, e, antes de todos, o maior dentre os aleijões conceituais que jamais existiram, o *grande Kant*, não nos dá uma idéia diminuta do garbo alemão. - Em verdade, não se pode subtrair da *educação nobre a dança* em todas as suas formas: poder dançar com os pés, com os conceitos, com as palavras; eu diria ainda que também se precisa poder dançar com a *pena*. - Que é preciso aprender a *escrever*? - Mas neste ponto eu me tornaria plenamente um enigma para os leitores alemães...

INCURSÕES DE UM EXTEMPORÂNEO

Meus impossíveis. - *Seneca*: ou o toureador da virtude. - *Rousseau*: ou o retorno à natureza em *impuris naturalibus*. - *Schiller*: ou o trompetista moral de Säckingen. - *Dante*: ou as hienas que *fazem poesia* nos túmulos. - *Kant*: ou a *cant* [hipocrisia] enquanto caráter inteligível. - *Vitor Hugo*: ou o farol no mar do contra-senso. - *Liszt*: ou a escola da destreza segundo as mulheres. - *George Sand*: ou *lactea ubertas*; em alemão: a vaca leiteira com um "belo estilo". - *Michelet*: ou o entusiasmo despido... - *Carlyle*: ou o Pessimismo enquanto o almoço azedado. - *John Stuart Mill*: ou a clareza ofensiva. - *os irmãos de Goncourt*: ou os dois Ajaxes em luta com Homero. A música de Offenbach. - *Zola*: ou "a alegria de feder".

2.

Renan. - Teologia, ou a degradação da razão pelo "pecado original" (o cristianismo). O testemunho de Renan que, logo ao arriscar uma vez um Sim ou Não de modo mais universal, erra o alvo com uma regularidade penosa. Ele queria, por exemplo, ligar em uníssono *la science e la noblesse*¹²: mas a

¹² A ciência e a nobreza

ciência pertence à democracia, e isso é palpável. Ele deseja, com uma ambição nada desprezível, apresentar um aristocratismos do espírito: no entanto, ele aconchega ao mesmo tempo sobre seus joelhos, e não apenas sobre seus joelhos, a doutrina contrária: o *evangelho dos humildes*... De que serve toda essa conversa sobre liberdade do espírito, toda modernidade, toda zombaria e toda a flexibilidade de papaformigas, se em nossas entranhas continuarmos cristãos, católicos e até mesmo sacerdotes! Renan possui toda sua inventividade, exatamente como um jesuíta e um confessor, na sedução; em sua espiritualidade não falta o largo sorriso eclesiástico. - Como todo sacerdote, ele só se torna perigoso quando ama. Ninguém se equipara a ele no modo de louvar, um modo de louvar que coloca a vida em risco... Este espírito de Renan, um espírito que *debilita os nervos*, é mais uma fatalidade para a doente, para a doente da vontade, para a pobre França. -

3.

Sainte-Beuve. - Nada do homem; pleno de uma raiva contra todo e qualquer espírito varonil. Errando de um lado para outro, fino, curioso, entediado, em posição de escuta. No fundo uma personalidade feminina, com vinganças de mulher e uma sensualidade de mulher. Enquanto psicólogo, ele é um gênio da malediscência, inesgotavelmente rico em meios para tanto; ninguém entende melhor o que significa misturar veneno com um elogio. Plebeu nos instintos inferiores e aparentado com o ressentimento de Rousseau: *conseqüentemente romântico* - pois em todo romantismo grunhe e guincha o instinto de vingança de Rousseau. Revolucionário, mas ainda razoavelmente contido pelo medo. Sem liberdade diante de tudo, que tem força (a opinião pública, a academia, a corte, mesmo Port Royal). Irritado contra tudo o que há de grandioso no homem e nas coisas, contra tudo o que crê em si. Poeta e meio-mulher o suficiente, para ainda sentir a grandeza enquanto poder; constantemente retorcido como aquele famoso verme, porque se sente constantemente pisado. Enquanto crítico sem critério, sem ponto de apoio e espinha dorsal, com a língua do libertino cosmopolita frente a todas as coisas em geral, mas sem a própria coragem para a assunção da libertinagem. Enquanto historiador sem filosofia, sem o *poder* do olhar filosófico. Por isto, recusando a tarefa de julgar em todas as questões principais e assumindo para si a "objetividade" como máscara. Por outro lado, ele se comporta de uma forma completamente diversa diante das coisas, sempre que um paladar refinado e depurado se mostra como a instância suprema: quando isso acontece, ele tem a coragem diante de si e o prazer de estar junto a si mesmo - quando isso acontece, ele se torna *Mestre*. - Segundo certos aspectos, ele é um precursor de Baudelaire.

4.

A Imitação de Cristo é um dos livros que não consigo segurar entre as mãos sem uma repugnância fisiológica: ele exala um perfume do eterno-feminino, segundo o qual é preciso que se seja imediatamente francês - ou wagneriano... Este santo possui um modo de falar do amor, que deixa curiosos até mesmo os parisienses. - Dizem-me que o mais *inteligente* dos jesuítas, Auguste Comte, o homem que quis levar seus franceses através de rodeios da ciência até Roma, inspirou-se neste livro. Eu acredito: "a religião do coração"...

5.

G. Eliot. - Eles se desembaraçaram do Deus cristão e agora acreditam tanto mais na necessidade de sustentar a moral cristã. Esta é uma seqüência lógica *inglesa*, não queremos repreender as senhorinhas morais à moda de Eliot. Na Inglaterra, à toda pequena emancipação frente à teologia, é preciso restabelecer para si as honras de um modo apavorante, enquanto um fanático moral. Lá, esta é a *penitência* que se paga. - Para nós outros, a coisa se apresenta de uma maneira diferente. Ao se abdicar da crença cristã, expele-se a pontapés o *direito* à moral cristã. Esta *não* se compreende pura e simplesmente a partir dela mesma: é preciso sempre novamente que se traga este ponto à luz, apesar da estultícia inglesa. O cristianismo é um sistema, uma visão *total* das coisas pensada em conjunto. No que se rompe um de seus conceitos centrais, a crença em Deus, também dissipa-se com isso o todo: não se tem mais nada de necessário entre os dedos. O cristianismo pressupõe que o homem não sabe, que ele não *pode* saber, o que é bom e o que é mau para ele: ele acredita em Deus, que é o único a saber isto. A moral cristã é um comando; sua origem é transcendente; ela está para além de toda e qualquer crítica,

de todo e qualquer direito à crítica; ela só possui verdade, no caso em que Deus é a verdade - ela se erige e cai junto com a crença em Deus. Se os ingleses de fato acreditassem, eles saberiam por si mesmos "intuitivamente" o que é bom e mau; se eles conseqüentemente se arraigam à opinião de que o cristianismo não é mais necessário enquanto garantia da moral, este fato mesmo não é senão meramente a *conseqüência* do domínio do juízo de valor cristão e uma expressão da *força* e da *profundidade* deste domínio: de modo que a origem da moral inglesa é esquecida, de modo que o que há de deveras-condicionado em seu direito à existência não é mais sentido. Para os ingleses, a moral não é mais problema algum...

6.

Georg Sand. - Eu li as primeiras *Cartas de um Viajante*. como tudo que provém de Rousseau, elas são falsas, factícias, balofas, exageradas. Eu não suporto este estilo colorido de tapeçaria; tampouco quanto a ambição do populacho pelos sentimentos generosos. O pior continua sendo contudo a "coqueteria" feminina envolta em virilidades, envolta em maneiras de jovens mal-educados. - Quão fria ela não precisa ter sido em meio a tudo isso, esta artista insuportável! Ela dava corda em si mesma como a um relógio e escrevia... Fria como Hugo, como Balzac, como todo e qualquer romântico, ao se lançar ao trabalho poético! E com que auto-suficiência ela deve ter se colocado aí, esta terrível vaca escritora, que possuía em si algo de alemão no pior sentido, exatamente como Rousseau, seu mestre, e que, de qualquer modo, só foi possível a partir da decadência do paladar francês! Mas Renan a venera...

7.

Moral para Psicólogos. - Não desempenhar nenhuma psicologia barata! Nunca observar por observar! Isto dá uma falsa ótica, uma vesguice, algo forçado e desmesurante. Vivenciar enquanto um *querer* vivenciar não funciona. Não é *permitido* olhar para si mesmo em uma vivência, toda olhada torna-se aí um "mau olhado". Um psicólogo nato protege-se instintivamente de ver por ver; o mesmo vale para o pintor nato. Ele nunca trabalha "segundo a natureza" - ele abandona ao seu instinto, à sua *camera obscura* o transpassamento e a expressão do "caso", da "natureza", do "vivenciado"... Ele não tem consciência senão do *universal*, da conclusão, do resultado: ele não conhece aquela abstração arbitrária do caso singular. - O que acontece, quando se age de outra maneira? Por exemplo, quando à moda dos *novelistas* parisienses se implementa a grande e a pequena psicologia barata? Espreita-se aí do mesmo modo a efetividade, se traz toda noite para casa a mão cheia de curiosidades... Mas eu diria: só se vê o que por último vem à tona - um monte de nódoas, um mosaico na melhor das hipóteses, de qualquer forma algo co-adicionado, inquieto e de cores gritantes. São os irmãos Goncourt que alcançam o que há de pior nisto: eles não alinhavam sequer três frases sem simplesmente ferir os olhos, os olhos do *psicólogo*.

A natureza, avaliada artisticamente, não é nenhum modelo. Ela exagera, ela desfigura, ela deixa brechas. A natureza é o *acaso*. O estudo "segundo a natureza" parece-me um mau sinal: ele trai sujeição, fraqueza, fatalismo. Esta prostração pulverizada diante dos *fatos pequenos* é indigna de um artista *completo*. *Ver o que* é pertence a um outro gênero de espíritos, aos espíritos *anti-artísticos*, aos objetivos. É preciso saber quem se é...

8.

Para a Psicologia do Artista. Para que haja a arte, para que haja uma ação e uma visualização estéticas é incontornável uma pré-condição fisiológica: a *embriaguez*. A embriaguez precisa ter elevado primeiramente a excitabilidade de toda a máquina: senão não se chega à arte. Todos os modos mais diversamente condicionados da embriaguez ainda possuem a força para isso: antes de tudo, a embriaguez da excitação sexual, a mais antiga e originária forma da embriaguez. Da mesma forma, a embriaguez que nasce como conseqüência de todo grande empenho do desejo, de toda e qualquer afecção forte; a embriaguez da festa, do combate, dos atos de bravura, da vitória, de todo e qualquer movimento extremo; a embriaguez da crueldade; a embriaguez na destruição; a embriaguez sob certas influências metereológicas, por exemplo a embriaguez primaveril; ou sob a influência dos narcóticos; por fim, a embriaguez da vontade, a embriaguez de uma vontade acumulada e dilatada.

- O essencial na embriaguez é o sentimento de elevação da força e de plenitude. A partir deste sentimento nos entregamos às coisas, as *obrigamos* a nos tornar, as violentamos. - Denomina-se esse

evento como uma *idealização*. Desprendamo-nos aqui de um preconceito: o idealizar não consiste, como geralmente se pensa, em uma subtração e uma dedução disto que é pequeno e secundário. O que é decisivo é muito mais uma monstruosa *exaltarão* dos traços principais, de modo que os outros traços pertinentes se dissipam.

9.

Neste estado, tudo se enriquece a partir de sua própria plenitude: o que se vê, o que se quer, se vê dilatado, cerrado, forte, sobrecarregado com a força. O homem que se encontra nesse estado transforma as coisas até elas refletirem sua potência: até elas serem o reflexo de sua perfeição. Este precisar-transformar em algo perfeito é - arte. Tudo mesmo o que ele não é, vem-a-ser apesar disto para ele prazer em si; na arte, o homem goza de si mesmo enquanto perfeição. Seria permitido cogitar-se um estado oposto, um específico movimento antiartístico dos instintos - um modo de ser que empobrece, estreita, que deixa todas as coisas tísicas. E, de fato, a história é rica em tais antiartistas, em tais esfomeados de vida: os quais por necessidade tomam as coisas ainda em si para debilitá-las, os quais precisam torná-las *mais magras*. Este é, por exemplo, o caso do genuíno cristão, citemos Pascal: um cristão que fosse ao mesmo tempo artista *não existe...* Que não se seja infantil e me lance ao rosto Rafael ou qualquer cristão homeopático do século dezanove: Rafael dizia sim, Rafael *realizava* a afirmação, logo Rafael não era de modo algum um cristão.

10.

Qual o significado dos conceitos opostos introduzidos por mim na estética, o *apolíneo* e o *dionisiaco*, ambos concebidos enquanto modos da embriaguez? - A embriaguez apolínea mantém antes de tudo o olhar excitado, de forma que ele recebe a força da visão. O pintor, o escultor, o poeta épico são visionários *par excellence*. Na instância dionisiaca, ao contrário, o sistema conjunto de afetos é que está excitado e elevado: de modo que ele descarrega de uma vez só todos os seus meios de expressão e lança para fora ao mesmo tempo a força de apresentação, de reprodução, de transfiguração, de transformação, bem como de todo o tipo de mímica e teatralidade. O essencial permanece a facilidade da metamorfose, a incapacidade de *não* reagir (- similarmente a certos histéricos que, atendendo a todo e qualquer aceno, adentram todo e qualquer papel). É impossível para o homem dionisiaco não entender uma sugestão qualquer, ele não desconsidera nenhum sinal dos afetos, ele tem no grau mais elevado o instinto intelectual e divinatório, assim como possui no grau mais elevado a arte da comunicação. Ele se insere em cada pele e em cada afeto: ele transforma-se constantemente. - A música, tal como a compreendemos hoje, é igualmente uma excitação e uma descarga conjunta dos afetos, mas, não obstante, apenas o que, sobrou de um mundo de expressão dos afetos muito mais pleno, um mero *residuum* do histrionismo dionisiaco. Para a viabilização da música enquanto arte específica, imobilizou-se uma certa quantidade de sentidos, antes de tudo o sentido muscular (no mínimo relativamente: pois em certo grau todo ritmo ainda fala a nossos músculos): de modo que o homem não imita e apresenta mais imediatamente com seu corpo tudo que sente. Apesar disso, é *este* o estado normal propriamente dionisiaco, em todo caso o estado originário; a música é a especificação lentamente alcançada deste estado, em detrimento das faculdades que lhe são mais intimamente aparentadas.

11.

O ator, o mimo, o dançarino, o músico, o poeta lírico são fundamentalmente aparentados em seus instintos e são em si um, mas pouco a pouco vão se especializando e se separando um do outro - mesmo até a contradição. O poeta lírico foi quem permaneceu por mais tempo unido com o músico; o ator com o dançarino. O *arquitecto* não apresenta nem um estado dionisiaco, nem um apolíneo: aqui é o grande ato de vontade, a vontade, que remove montanhas, a embriaguez da grande vontade que possui o afã pela arte. Os homens mais potentes sempre inspiraram os arquitectos; o arquitecto esteve frequentemente sob a sugestão da potência. Na edificação, o orgulho, a vitória sobre o peso, a vontade de potência devem se tornar visíveis; a arquitetura é uma espécie de eloquência da potência através das formas; ora convincente, mesmo lisonjeadora, ora meramente ordenadora. O sentimento mais elevado da potência e da segurança vem à expressão em meio ao que possui *grande estilo*. A potência que não precisa mais de nenhuma prova; que desdenha do agrado; que responde dificilmente; que não sente nenhuma

testemunha em torno de si; que vive sem consciência de que há uma contradição em relação a ela; que repousa *em si*, fatalisticamente, uma lei sob leis: *isto* fala de si com grande estilo. -

12.

Eu li a vida de *Thomas Carlyle*, esta *farsa* que se produz a despeito do saber e da vontade, esta interpretação heróico-moral dos estados dispépticos. - Carlyle, um homem de palavras e atitudes fortes, um retórico por *necessidade*, que é constantemente agastado pela exigência de uma forte crença e pelo sentimento da incapacidade para tanto (- nisto ele é um típico romântico!). A exigência de uma forte crença *não é* a prova de uma forte crença, muito mais o contrário. Se *a possuimos*, então nos é permitido conceder-nos o belo luxo do ceticismo: estamos seguros o suficiente, prontos o suficiente, comprometidos o suficiente para tanto. Carlyle faz com que algo adormeça em si através do *fortíssimo* de sua veneração por homens de crenças fortes e através de sua ira contra os menos unidimensionais: ele *carece* de barulho. Uma constante *deslealdade* frente a si mesmo - este é o seu *proprium*, com isto ele é e permanece interessante. É verdade que ele é admirado na Inglaterra exatamente por causa de sua deslealdade... Mas ora, isto é inglês; e, considerando que o inglês é o povo da *cant* [hipocrisia] perfeita, é mesmo legítimo, e não apenas compreensível. No fundo, Carlyle é um ateu inglês, que busca sua honra justamente no fato de *não* o ser.

13.

Emerson - Muito mais esclarecido, errante, múltiplo, refinado do que Carlyle; e, antes de tudo, mais feliz... Alguém que não se alimenta senão com ambrósia e que deixa de lado o que há de indigesto nas coisas. Tomado em contraposição a Carlyle, um homem de gosto. - Carlyle, porém, que tanto o amou, dizia dele: "ele não nos dá o suficiente para morder": o que pode até ser dito com direito, mas não em detrimento de Emerson. - Emerson possui aquela boa e espirituosa serenidade, que desencoraja toda seriedade; ele simplesmente não sabe o quão velho já é e o quão jovem ainda será - ele poderia dizer de si com uma sentença de Lope de Vega: "*yo me sucedo a mi mismo*". Seu espírito sempre encontra razões, para estar satisfeito e mesmo agradecido; e por vezes ele toca a serena transcendência daquele homem distinto, que retornava de um encontro amoroso *tarquam rebene gesta*. "*Ut de sint vires*, ele dizia agradecido, *tamen est laudanda voluptas*".

14.

Anti-Darwin. No que concerne à célebre luta pela *vida*, ela me parece a princípio mais afirmada do que provada. Ela acontece, mas enquanto exceção; o aspecto conjunto da vida *não é* a indigência e a penúria famélicas, mas muito mais a riqueza, a exuberância, mesmo o desperdício absurdo - onde há luta, luta-se por *potência*... Não se deve confundir Malthus com a natureza. No entanto, suposto que haja esta luta e, de fato, ela se dá -, ela transcorre infelizmente de modo inverso ao que a escola de Darwin deseja; de modo inverso ao que talvez se *pudesse* desejar: isto é, em detrimento dos fortes, dos privilegiados, das felizes exceções. As espécies não crescem em meio à perfeição: os fracos sempre se tornam novamente senhores sobre os fortes. Isto acontece porque eles estão em grande número e porque eles também são *mais inteligentes*... Darwin esqueceu o espírito (- isto é inglês!), *os fracos possuem mais espírito*... É preciso ter necessidade de espírito para obter um espírito - nós o perdemos quando não temos mais necessidade dele. Quem possui a força se desprende do espírito (- "Deixemo-lo ir!" pensa-se hoje na Alemanha - "*O império há, contudo, de permanecer conosco*" ...). Eu entendo por Espírito, como se vê, a cautela, a paciência, a astúcia, a dissimulação, o grande autocontrole e tudo que é *mimicry* (a este último pertence uma grande parte da assim chamada virtude).

15.

Casuística de Psicólogo. - O psicólogo é alguém que conhece o homem: para que estuda propriamente os homens? Ele quer retirar deles pequenas vantagens, ou mesmo grandes - ele é um político!... Este aí também é um conhecedor dos homens: e vós dizeis que ele não quer com isso nada para si, que ele é um grande "impessoal". Atentai mais incisivamente! Talvez ele ainda queira até mesmo uma vantagem *pior*: sentir-se superior aos homens, ter o direito de olhar para eles desde cima, não se misturar mais com eles. Este "impessoal" é um *desprezador* de homens: e aquele primeiro é da

espécie mais humana, independentemente do que possa dizer a aparência. Ele se coloca no mínimo como igual, ele se insere...

16.

O *compasso psicológico* dos alemães parece-me estar colocado em questão por toda uma série de casos, cuja modéstia me impede de apresentar a lista. Em um caso não me faltará um grande ensejo para fundamentar minha tese: eu guardo rancor dos alemães por terem se equivocado quanto a Kant e a sua "Filosofia das Portas dos Fundos", como a chamo. - Isto *não* foi condizente com a tipologia da retidão intelectual. - Uma outra coisa que não consigo escutar é um famigerado e nefando "e": os alemães dizem "Goethe e Schiller". Temia que dissessem "Schiller e Goethe"... Então não se *conhece* este Schiller? - Mas há ainda um "e" pior; ouvi com meus próprios ouvidos (apesar de ser apenas dentre professores universitários): "Schopenhauer e Hartmann"...

17.

Os homens mais espirituosos, pressupondo-se que eles são também os mais corajosos, são aqueles que melhor e mais amplamente vivenciam as tragédias mais dolorosas: mesmo por isso, contudo, eles honram a vida; porque ela lhes contrapõe o seu maior antagonismo.

18.

Para a "Consciência Intelectual". - Nada me parece hoje mais raro do que a genuína dissimulação. Eu tenho uma grande suspeita quanto ao fato de o ar brando de nossa cultura não ser propício para esta planta. A dissimulação pertence à era das fortes crenças: à era em que os homens, mesmo *coagidos* a ostentar uma outra crença, não se apartavam da crença que tinham. Hoje, eles a deixam de lado; ou, o que é ainda mais comum, eles adquirem uma segunda crença - em todo caso, eles permanecem *sinceros*. Não há a menor dúvida de que hoje existe um número muito maior de possíveis convicções do que outrora: possíveis, isto é, permitidas, isto é, *inofensivas*. Daí emerge a tolerância para consigo mesmo. - A tolerância para consigo mesmo abre espaço para o surgimento de muitas convicções: estas mesmas convicções convivem tranqüilamente umas ao lado das outras - elas se protegem, como todo mundo hoje, da eventualidade de se comprometer. Com o que é que as pessoas se comprometem hoje em dia? Quando se porta uma consequência. Quando se caminha em linha reta. Quando suas palavras possuem menos do que cinco sentidos. Quando se é genuíno... Eu temo enormemente que o homem moderno seja muito acomodado para possuir certos vícios: que estes venham então a se extinguir completamente. Todo o mal, que é condicionado pela vontade forte - e talvez não haja nada de mal onde falta a força da vontade -, degenera-se em virtude no interior de nossa atmosfera tépida... Os menos dissimulados que conheci imitavam a dissimulação: eles eram, como hoje em dia o são um a cada dez homens, atores. -

19.

Belo e Feio. - Nada é mais condicionado, dizemos *limitado*, do que o nosso sentimento do belo. Quem quisesse pensá-lo como separado do prazer que o homem experimenta junto a si mesmo, perderia imediatamente a base e o solo sob seus pés. O "belo em si" é tão-somente uma palavra, nunca um conceito. No belo, o homem se coloca enquanto medida da perfeição; em casos selecionados, ele louva a si mesmo. Um gênero não *pode* senão afirmar apenas a si mesmo desta forma. Seus instintos *mais inferiores*, o instinto de auto-conservação e de auto-expansão, brilham ainda em tais sublimidades. O homem crê que o próprio mundo está coberto pela beleza - ele *esquece* de si enquanto sua causa. Ele sozinho presenteou o mundo com a beleza, ah!, apenas com uma beleza humana, demasiadamente humana... No fundo, o homem se espelha nas coisas, ele toma por belo tudo o que lança de volta sua imagem: o juízo "belo" é *sua vaidade genérica*... É claro que a seguinte pergunta pode sussurrar para o cético uma pequena suspeita: o mundo torna-se efetivamente belo, à medida que o homem o toma como belo? Ele o *humanizou*: isto é tudo. Mas nada, absolutamente nada nos garante que justamente o homem forneça o modelo da beleza. Quem sabe como ele se apresenta aos olhos de um elevado juiz de gosto? Talvez ousado? Talvez mesmo animador? Talvez um pouco arbitrário?... "Oh Dioniso, divino, por que tu me puxas as orelhas?", perguntou Ariadne certa vez a seu amante filosófico, em um daqueles

célebres diálogos por sobre a ilha de Naxos. "Eu vejo algo de gracioso em tuas orelhas, Ariadne: por que elas não são ainda mais longas?"

20.

Nada é belo, só o homem é belo: é sobre esta ingenuidade que repousa toda e qualquer estética, ela é *sua primeira* verdade. Acrescentemos imediatamente ainda sua segunda verdade: nada é feio senão quando é o homem que o *degenera* - com isso o reino do juízo estético está circunscrito. - Conferido fisiologicamente, tudo o que é feio enfraquece e aflige o homem. Ele faz com que o homem lembre o declínio, o perigo, a impotência; o homem experimenta de fato aí uma dissipação de força. Pode-se medir o efeito do feio com o dinamômetro. Em geral, ao padecer de uma pressão que o impele para baixo, o homem fareja a aproximação de algo "feio". Seu sentimento de potência, sua vontade de potência, sua coragem, seu orgulho - tudo isto decai com o feio, tudo isto se eleva com o belo... Em um caso como no outro, *tiramos uma conclusão*: as premissas para tanto estão acumuladas, sob a forma de uma abundância monstruosa, nos instintos. O feio é entendido como um sinal e um sintoma de degenerescência: o que mais longinquamente nos faz lembrar a degenerescência produz em nós o surgimento do juízo "feio". Todo indício de extenuação, de pesar, de senilidade, de cansaço, toda e qualquer espécie de ausência de liberdade, tal como o espasmo, tal como a paralisia, sobretudo o cheiro, a cor, as formas da dissolução, da decomposição, e mesmo que isto se transforme em símbolo no interior de uma última atenuação - tudo isto evoca a mesma reação, o juízo de valor "feio". Um ódio eclode neste ponto: a quem é que o homem odeia aí? Mas não há nenhuma dúvida: a *decadência de seu tipo*. O seu ódio emerge aí do instinto mais profundo de seu gênero; neste ódio há calafrio, cuidado, profundidade, uma certa visão à distância - ele é o ódio mais profundo que há. É por sua causa que a arte é profunda...

21.

Schopenhauer. - Para um psicólogo, Schopenhauer, o último alemão a merecer consideração (a ser um acontecimento *européu* tanto quanto Goethe, quanto Hegel, quanto Heinrich Heine, e não *meramente* um acontecimento local, um acontecimento "nacional"), é um caso de primeira ordem: a saber, enquanto tentativa malignamente genial de trazer a campo exatamente as contra-instâncias, as grandes auto-afirmações da "vontade de vida", as formas de exuberância da vida em favor de uma depreciação total e niilista da vida. Ele interpretou, segundo uma seqüência, a *arte*, o heroísmo, o gênio, a beleza, a grande compaixão, o conhecimento, a vontade de verdade e a tragédia enquanto conseqüências da "negação" ou da necessidade de negação da "vontade" - a maior fabricação de moedas falsas já vista na história; subtraindo-se o cristianismo. Considerado mais exatamente, ele não é quanto a isto mais do que o herdeiro da interpretação cristã. Com uma diferença apenas, à medida que também soube *aprovar* em um sentido cristão, o que equivale a dizer em um sentido niilista, *o que tinha sido recusado* pelo cristianismo: os grandes fatos culturais da humanidade (- a saber, enquanto caminhos para a "redenção", enquanto formas prévias da "redenção", enquanto estimulantes da necessidade de "redenção"...)

22.

Eu tomo um caso isolado. Schopenhauer fala da *beleza* com um fervor melancólico, - por que em última instância? Porque ele vê nela uma ponte, sobre a qual pode-se ir mais longe ou então sobre a qual se acaba por ficar sedento de ir mais longe... Ela é para ele a redenção da vontade por alguns instantes - ela impele para uma redenção eterna... Especificamente, ele a elogia enquanto redentora do "foco da vontade", da sexualidade - na beleza, ele vê a *negação da* pulsão reprodutora... Um santo deveras bizarro! Alguém te contradiz, eu receio, e este alguém é a natureza. Para que há em geral a beleza no tom, na cor, no perfume, no movimento rítmico da natureza? O que faz manifestar a beleza? - Felizmente também um filósofo lhe contradiz. Nenhuma autoridade menor que a do divino Platão (- assim o chama o próprio Schopenhauer) sustém uma outra tese: a de que toda beleza estimula a reprodução - a de que este é justamente o *proprium* de seu efeito, do que há de mais sensível até o que há de mais espiritual...

23.

Platão prossegue. Ele diz com uma inocência, para a qual é preciso ser grego e não "cristão", que não haveria absolutamente nenhuma filosofia platônica se não houvesse tantos jovens belos em Atenas: era só a visão destes jovens que propiciava a transposição da alma do filósofo em um delírio erótico e não lhe deixava espaço para nenhuma quietude, até que ela tivesse lançado as sementes de todas as coisas elevadas em uma terra tão bela. Também um santo deveras bizarro! Nós não nos fiamos em nossos ouvidos, apesar mesmo de confiarmos em Platão. Presume-se ao menos que em Atenas tinha-se filosofado de *um modo diverso*, sobretudo publicamente. Nada é menos grego do que a tecitura de uma teia conceitual de aracnídea por um ermitão, *amor intellectualis dei* à moda de Espinoza. A filosofia à moda de Platão poderia ser definida antes enquanto uma competição erótica, enquanto o aperfeiçoamento e a interiorização da velha ginástica *agonística* e de seus *pressupostos*... O que brotou por fim deste erotismo filosófico de Platão? Uma nova forma artística do *agon* grego, a dialética. - Eu me lembro ainda, *contra* Schopenhauer e em honra de Platão, que também a cultura e a literatura mais elevadas da França clássica floresceram em sua totalidade sobre o solo do interesse sexual. Pode-se procurar por toda parte aí a galanteria, os sentidos, a competição sexual, a "fêmea" - nunca se procurará em vão.

24.

*L'art pour l'art*¹³. - A luta contra a finalidade na arte é sempre a luta contra a tendência *moralizante* na arte, contra a sua subordinação à moral. *L'art pour l'art* significa: "Que o diabo carregue a moral!" - Mas até mesmo esta inimizade denuncia a força preponderante do preconceito. Se se exclui da arte a finalidade própria à pregação moral e ao melhoramento da humanidade, então ainda está longe de seguir daí que a arte é em geral sem finalidade, sem meta, sem sentido; em resumo, a arte pela arte - um verme que morde seu próprio rabo. É preferível nenhuma finalidade a uma finalidade da moral!" - assim fala a mera paixão. Um psicólogo pergunta em contrapartida: o que faz toda arte? ela não louva? ela não glorifica? ela não seleciona? não realça? Com tudo isto, ela *fortalece e enfraquece* certas estimativas de valor... Isto é apenas um acessório? Um acaso? Algo de que o interesse do artista não tomaria parte absolutamente? Ou então: não é o pressuposto para tanto que o artista *esteja em condições* de empreender tudo isto ... ? Seu instinto mais profundo tende para a arte, ou, ao invés disso, muito mais para o sentido da arte, para *a vida*? Para *algo desejável da vida*? - A arte é o maior estimulante para a vida: como se poderia entendê-la como sem finalidade, como sem meta, como *l'art pour l'art*? Uma pergunta ressurgue: a arte faz com que se manifeste também algo feio, duro, discutível da vida - ela não parece com isto dirimir a paixão pela vida? - E de fato houve filósofos que lhe emprestaram este sentido: "apartar-se da vontade", ensinava Schopenhauer enquanto intuito total da arte, "estar afinado com a resignação" honrava ele enquanto a grande utilidade da tragédia. - Mas isto - já dei a entender - é uma ótica de pessimista e um "mau-olhado": precisa-se apelar para os próprios artistas. O que é que *o artista trágico comunica de si*? Não é exatamente um estado sem temor frente ao temível e problemático, que ele indica? - Esse estado mesmo é algo desejável; quem o conhece o louva com os louvores mais elevados. Ele o comunica, ele *precisa* comunicá-lo, pressuposto que é um artista, um gênio da comunicação. A valentia e a liberdade do sentimento frente a um inimigo poderoso, frente a uma sublime adversidade, frente a um problema que desperta horror - esse estado *triumfal* é aquele que o artista seleciona, que ele glorifica. Diante da tragédia, o que há de belicoso em nossa alma festeja suas Saturnais; quem procura por sofrimento, o homem *heróico*, exalta com a tragédia sua existência - a ele apenas, o artista trágico oferta o cálice desta dulcíssima crueldade. -

25.

Contentar-se com os homens, manter a casa aberta com seu coração, isto é liberal, mas é meramente liberal. Conhece-se os corações que são aptos à nobre hospitalidade, junto às muitas janelas cobertas e aos postigos cerrados: seus melhores espaços mantêm-se vazios. Por que afinal? - Porque eles esperam por hóspedes, com os quais a gente *não* "se contenta"...

¹³ A arte pela arte

26.

Nós não nos estimamos mais o suficiente, quando nos comunicamos. Nossas vivências próprias não são de modo algum loquazes. Elas não poderiam comunicar a si mesmas, se elas quisessem. Isto acontece porque lhes falta a palavra. Para o que temos palavra, já estamos um passo adiante de sua concernência. Em todos os discursos há um grão de desprezo. A fala, ao que parece, foi inventada apenas para o que é ordinário, mediano, comunicável. Com a fala *vulgariza-se* imediatamente o falante. - A partir de uma moral para surdos-mudos e outros filósofos.

27.

"Este quadro está encantadoramente belo!"... A mulher literata, descontente, excitada, deserta no coração e nas vísceras, olhando todo o tempo de maneira perscrutadora e com uma curiosidade dolorosa o imperativo que, desde as profundezas de sua organização, sussurra "*aut liberi aut libri*"¹⁴: a mulher literata, suficientemente culta para compreender a voz da natureza, mesmo quando ela fala latim; e, por outro lado, suficientemente vaidosa e parva, para em segredo até mesmo falar francês consigo, "*je me verrai, je me lirai, je m'extasierai et je dirai: Possible que j'aie eu tant d'esprit?*"¹⁵...

28.

Os "impessoais" ganham voz. - "Nada nos dá menos trabalho do que sermos sábios, pacientes, superiores. Nós destilamos o óleo da indulgência e da compaixão, nós somos justos até as raias do absurdo, nós perdoamos tudo. Mesmo por isso deveríamos nos manter algo mais rigorosos; mesmo por isso deveríamos cultivar pra nós mesmos, de tempos em tempos, um pequeno afeto, um pequeno vício afetivo. Isto pode nos ser amargo; e, cá entre nós, talvez venhamos a rir do aspecto que a partir daí assumimos. Mas ao que é que isto ajuda! Não temos mais nenhuma outra espécie disponível de auto-superação: este é *nosso* ascetismo, *nosso* modo de fazer penitência"... *Vir-a-ser pessoal* - a virtude dos "impessoais"...

29.

Extratos de uma Defesa de Doutorado. - "Qual é a tarefa de todo ensino mais elevado?" - Tornar o homem uma máquina. - "Qual o meio para tanto?" - Ele precisa aprender a entediá-lo. - "Como se alcança um tal estágio?" - Através do conceito de dever. - "Quem é seu modelo em relação a isto?" - O filólogo: ele ensina o *enfronhar-se*. - "Quem é o homem perfeito?" - O funcionário público. - "Que filosofia fornece a fórmula mais elevada para o funcionário público?" - A filosofia kantiana: o funcionário público enquanto coisa-em-si transformado em juiz do funcionário público enquanto fenômeno.

30.

O Direito à Estupidez. - O trabalhador extenuado que respira lentamente, olha benevolmente e deixa as coisas passarem como elas passam: esta figura típica que se encontra agora, na era do trabalho (e do "império"! -), em todas as classes sociais, requisita hoje para si justamente a *arte*, inclusive o livro, antes de tudo o jornal - e em muito mais a bela natureza, Itália... O homem da noite, com seus "impulsos selvagens adormecidos", das quais nos fala Fausto, carece do frescor veranil, do banho de mar, das geleiras, de Bayreuth... A arte tem em tais tempos é um direito à *pura tolice* - como uma espécie de férias para o espírito, o engenho e o ânimo. Wagner compreendeu isto. *A pura tolice* produz novamente.

31.

Mais um Problema da Dieta. - Os meios através dos quais Júlio César se defendia contra doenças e dores de cabeça: marchas gigantescas, o modo de vida mais simples, permanência ininterrupta em um

¹⁴ Ou filhos ou livros. (N.T.)

¹⁵ "Me verei, me lerei, me extasiarei e direi: é possível que eu tenha tido tanta inspiração?"

espaço aberto, fadigas constantes. - Tomando por alto, estas são as punições em geral estabelecidas em função da conservação e da proteção contra a extrema vulnerabilidade daquela máquina sutil que trabalha sob a mais elevada pressão e que se chama gênio. -

32.

O Imoralista fala. - Para o filósofo, nada fere mais o gosto do que o homem *quando deseja*... Ele considera o homem apenas em sua ação, ele vê este animal supremamente corajoso, astuto e perseverante perdido mesmo em meio a conjunturas de uma penúria labiríntica, o quão digno de admiração lhe parece o homem! Ele ainda lhe dirige a palavra... Mas o filósofo despreza o homem que deseja, assim como o homem "Passível de ser desejado" - e em geral tudo o que é desejável, todos os *ideais* do homem. Se um filósofo pudesse ser niilista, então ele o seria porque não encontra o nada por detrás de todos os ideais do homem. Ou nem ao menos uma vez o nada - mas apenas o que não é digno de nada, o absurdo, o doentio, o covarde, o cansaço, todo tipo de excremento dos copos *tragados* de sua vida... O homem que enquanto realidade é tão digno de veneração, como acontece de não merecer nenhum respeito quando deseja? Será que ele precisa expiar por ser tão apreciável como realidade? Será que ele precisa equiparar a sua ação, a tensão da cabeça e da vontade em toda ação, à extensão dos membros no interior do imaginário e absurdo? - A história do que para ele é passível de ser desejado foi até aqui a *partie honteuse*¹⁶ do homem: é preciso que nos guardemos de ler por muito tempo nesta história. O que justifica o homem é . a sua realidade: ela o justificará eternamente. O quão mais valeroso é o homem real, comparado com qualquer homem meramente desejado, sonhado, inventado de modo mendaz? Com qualquer homem *ideal*?... E apenas o homem ideal fere o bom gosto do filósofo.

33.

O Valor Natural do Egoísmo. O egoísmo é tão valeroso quanto é fisiologicamente valeroso aquele que o possui: ele pode ser muitíssimo valeroso, ele pode não ser digno de nada e desprezível. Todo e qualquer indivíduo precisa ser considerado em função do fato de representar a linha ascendente ou decrescente da vida. Com uma decisão quanto a isto tem-se também um cânone em relação ao valor de seu egoísmo. Se ele representa a ascensão da linha, então o seu valor é efetivamente extraordinário - e, em função da vida conjunta que com ele dá um passo *adiante*, o cuidado em torno da conservação, em torno da criação de seu *optimum* de condições mesmas deve ser extremo. O indivíduo, o "indiviso", tal como o povo e o filósofo o compreenderam até aqui, é em verdade um erro: ele não é nada por si, nenhum átomo, nenhum "anel de uma corrente", nada simplesmente herdado de outrora - ele é toda uma linha homem até ele mesmo ainda... Se ele representa o desenvolvimento decadente, o declínio, a degeneração crônica, o adocimento (- doenças são já, a grosso modo, conseqüências paralelas do declínio, *não* as suas causas), então lhe cabe pouco valor, e a equidade quer que ele *retire* do homem bem constituído o mínimo possível. Ele não é senão o parasita deste último...

34.

Cristo e Anarquista. Quando o anarquista, enquanto a embocadura das camadas *decadentes* da sociedade, exige com uma bela indignação "direito", "justiça", "igualdade de direitos", ele não se encontra com isto senão sob a pressão de sua ignorância, a qual não sabe compreender o real *porquê* de seu sofrimento: - a qual não sabe compreender *em relação ao que* ele é pobre, à vida... Um impulso causal é nele poderoso: alguém precisa ser culpado pelo fato de ele se sentir mal... Também faz bem para ele a "bela indignação" mesma, é um prazer para todos os pobres diabos o maldizer: há aí uma pequena embriaguez de potência. Já o reclamar, o queixar-se pode dar à vida um estímulo, em virtude do qual se a sustém: uma dose mais sutil de *vingança está* presente em toda queixa, se apresenta o seu sentir-se mal, sob certas circunstâncias mesmo a sua ruindade como uma censura àqueles que são diferentes, como se o ser diferente fosse uma injustiça, um privilégio *inadmissível*. "Se sou um *canalha*, tu também tens de sê-lo": em função desta lógica faz-se revolução. - O queixar-se não serve em caso algum para algo: ele provém da fraqueza. o fato de se atribuir o seu sentir-se mal aos outros ou a si mesmo - o primeiro o faz socialista, o segundo, por exemplo, cristão - não faz propriamente diferença

¹⁶ Parte vergonhosa

alguma. O que há de comum, digamos mesmo o que há de *indigno* nisto, é que alguém deva ser *culpado* por se sofrer - em resumo, que o sofredor prescreva para si contra o seu sofrimento o mel da vingança. Os objetos desta necessidade de vingança enquanto os objetos de uma necessidade de *prazer* são causalidades ocasionais: o sofredor encontra por toda parte causas para refrescar a sua vingança - se ele é cristão, dito uma vez mais, então ele as encontra *em si*... O cristão e o anarquista - ambos são *decadentes*. Mas também quando o cristão condena, calunia, enlameia o "*mundo*", ele o faz a partir dos mesmos instintos, a partir dos quais o trabalhador socialista condena, calunia, enlameia a *sociedade*: o "juízo final" mesmo é ainda a mais doce consolação da vingança - a revolução, como a espera também o trabalhador socialista, apenas pensada um pouco mais distante... O próprio "além" - para que um além, se ele não fosse um meio de enlamear o *aquém*?...

35.

Critica da Moral da Decadência. - Uma moral "altruística", uma moral junto à qual o egoísmo *definha* -, permanece em toda e qualquer circunstância um mau sinal. Isto vale para o indivíduo, isto vale especialmente para os povos. Falta a melhor parte, quando começa a faltar o egoísmo. Escolher instintivamente o nocivo para *si*, ser *atizado* por motivos "desinteressados" nos fornece quase uma fórmula para a *decadência*. "Não buscar o que é útil para *si*" - este é apenas o artifício moral covarde para uma fatalidade fisiológica totalmente diversa: "eu não sei mais *encontrar* o que é útil para mim"... Desagregação dos instintos! Não se pode mais esperar nada de um homem que se torna altruísta. - Ao invés de dizer ingenuamente "eu não valho mais para nada", a mentira moral diz na boca dos *decadentes*: "Nada vale alguma coisa - a *vida* não vale nada"... Um tal juízo permanece por fim um grande perigo, ele age de modo contagioso ele se eleva pululante por sobre todo o solo mórbido da sociedade; ora como uma vegetação tropical de conceitos, ora como religião (cristianismo), ora como filosofia (schopenhauerianismo). Uma tal vegetação de uma árvore venenosa, crescida a partir da degeneração, envenena, por milênios sob certas condições, com sua fragrância, a *vida*...

36.

Moral para Médicos. - O doente é um parasita da sociedade. Em um certo estado é indecente continuar vivendo por mais tempo. O prosseguir vegetando em uma dependência covarde de médicos e práticas, depois que o sentido da vida, o *direito* à vida se dissipou, deveria receber da sociedade um profundo desprezo. Os médicos teriam por sua vez de ser os mediadores deste desprezo - não receitas, mas todo dia uma nova dose de *nojo* diante de seus pacientes... Criar uma nova responsabilidade que exija do médico em todos os casos, nos quais o interesse mais elevado da vida, da vida *ascendente*, o impelir a vida *degenerada* para o lado e para baixo sem qualquer consideração. - Por exemplo, em vista do direito de procriar, em vista do direito de nascer, em vista do direito de viver... Morrer de uma maneira orgulhosa, quando não é mais possível viver de uma maneira orgulhosa. A morte, eleita livremente, a morte no tempo certo, com clareza e alegria, empreendida em meio a crianças e testemunhas: de modo que uma real despedida ainda é possível, onde *este* que se despede *ainda está aí*, assim como uma apreciação real do que foi alcançado e querido, uma *soma* da vida - tudo em contraposição à comédia deplorável e horripilante que o cristianismo levou a cabo com a hora da morte. Não se deve jamais esquecer em relação ao cristianismo o fato de ele ter transformado abusivamente a fraqueza dos moribundos em violação da consciência e o modo da morte mesma em juízos de valor tanto sobre o homem quanto sobre o passado! - Aqui vale produzir, antes de tudo e apesar das covardias do preconceito, a dignificação correta, isto é, fisiológica, da assim chamada morte *natural*: que por fim também não é senão uma morte "não natural", um suicídio. Nunca se perece pelas mãos de um outro, mas sempre por suas próprias mãos. A única diferença é que a morte sob condições desprezíveis não é uma morte livre, ela *não* é uma morte no tempo *certo*, ela é a morte de um covarde. Dever-se-ia por amor à *vida* - desejar a morte de outra forma, a morte livre, consciente, sem acaso, sem a tomada de assalto... Por fim, um conselho para os senhores pessimistas e outros *decadentes*. Não estamos de posse da possibilidade de impedir o nascimento: mas podemos nos corrigir uma vez mais este erro - pois ele foi até aqui um erro. Quando um homem *suprime* a si mesmo, ele faz a coisa mais digna de respeito. Quase se conquista com isto o viver... A sociedade, que digo!, a *própria* vida tem mais ganho através daí do que qualquer "vida" em abnegação, abstinência e outras virtudes, - se libertou os outros de sua visualização, se libertou a vida de uma *objeção*... O pessimismo, *puro*, *só se prova* através da auto-

refutação do senhor pessimista: é preciso que se dê um passo adiante em meio à sua lógica, não meramente negar a vida com "Vontade e Representação", como Schopenhauer o fez – precisa-se *negar primeiramente Schopenhauer...* - O pessimismo, dito *de passagem*, por mais contagioso que seja, não aumenta apesar disto o caráter doentio de um tempo, de uma geração como um todo: ele é sua expressão. É-se contaminado por ele, como se é contaminado pela cólera: é preciso que já se esteja tomado morbidamente o suficiente para tanto. O pessimismo mesmo não faz nenhum único *decadente* a mais; eu lembro o resultado da estatística de que nos anos em que a cólera recrudescia a cifra conjunta dos casos de morte não se diferenciou de outros anos.

37.

Nós nos tornamos mais morais? Toda a *ferocidade* do emburrecimento moral, que na Alemanha é conhecido como a própria moral, voltou-se contra o meu conceito "Para Além do Bem e do Mal", como era de se esperar: teria belas histórias para contar quanto a isto. Antes de tudo se me ofereceu como objeto de reflexão a "inegável supremacia" de nosso tempo no que concerne ao juízo moral, nosso *progresso* efetivamente realizado aqui: um César Borgia, em comparação conosco, não deve ser absolutamente estabelecido como um "homem superior", como uma espécie de *além-do-homem*, como faço. Um redator suíço do "Bund" chegou ao ponto de, não sem expressar sua consideração pela coragem de uma tal ousadia, "compreender" o sentido de minha obra no fato de eu requerer a supressão de todos os sentimentos decentes. Eu agradeço muito! - Permito-me como resposta lançar a pergunta: *nos tornamos realmente mais morais?* Que todo mundo acredita nisto é já uma objeção contra isto... Nós homens modernos, muito temos, facilmente magoáveis, tomando e oferecendo centenas de considerações, supomos de fato que esta humanidade terna que apresentamos, que esta unanimidade *atingida* em relação à deferência, à prontidão para a ajuda, à confiança mútua é um progresso positivo, que com isto estamos muito para além dos homens da renascença. Mas toda época pensa assim e *precisa* pensar assim. Certo é que não temos o direito de nos inserir em disposições da Renascença, nem mesmo sequer imaginar a nós mesmos aí: nossos nervos não suportariam aquela realidade, para não falar de nossos músculos. Mas com esta incapacidade não está provado nenhum progresso, senão apenas uma outra constituição mais tardia, mais fraca, mais tenra, mais vulnerável, a partir da qual produz-se uma moral mais cheia de considerações. Se eliminarmos a nossa ternura e o nosso caráter tardio, nosso envelhecimento fisiológico, então a nossa moral da "humanização" perderia imediatamente o seu valor - em si, nenhuma moral tem valor - ela traria menosprezo para nós mesmos. Não duvidemos por outro lado de que nós modernos, com nossa humanidade espessamente acolhida, que não quer absolutamente se chocar com nenhuma pedra, daria aos contemporâneos de César Bórgia uma comédia digna de morrer de rir. De fato, somos involuntariamente divertidos para além das medidas, com as nossas "virtudes" modernas... O definhamento dos instintos hostis e capazes de despertar desconfiança - e este seria propriamente nosso "progresso" - apresenta apenas uma das conseqüências do definhamento geral da *vitalidade*: custa cem vezes mais esforço, mais cuidado impor uma existência tão condicionada, tão tardia. Aí os homens se auxiliam mutuamente, aí todos estão até certo grau doentes e cada um é até certo grau enfermeiro. Isto significa então "virtude": dentre homens que conheceram a vida ainda de modo diverso, de modo mais pleno, mais pronto para a profusão, transbordantes, se teria denominado isto de outra forma, "covardia" talvez, "mesquinhez", "moral de velhas senhoras"... Nossa amenização dos costumes - esta é minha sentença, esta é, se se quiser, minha *inovação* - uma conseqüência da decadência; a rigidez e a terribilidade dos costumes pode ser inversamente uma conseqüência da superabundância de vida: então também pode se ousar em verdade muitas coisas, se requisitar muitas coisas, se *desperdiçar* mesmo muita coisa. O que outrora era o tempero da vida, seria para nos um *veneno*... Ser indiferente - também esta é uma forma da força - para tanto somos igualmente muito velhos, muito tardios: nossa moral da compaixão, contra a qual fui o primeiro a advertir, isto que se poderia denominar como o *impressionismo* moral, é uma expressão mais da super-excitação fisiológica própria a tudo o que é *decadente*. Aquele movimento que foi tentado junto com a *moral da compaixão* de Schopenhauer, o projetar-se cientificamente - uma tentativa muito infeliz! - é o próprio movimento da *decadência* na moral, ele está enquanto tal profundamente aparentado com a moral cristã. As épocas fortes, as culturas *nobres* vêm na compaixão, no "amor ao próximo", na falta de si próprio e de amor próprio algo desprezível. As épocas têm de ser medidas segundo as suas *forças positivas* - e, em meio a este critério, a época tão disposta à profusão e tão rica em fatalidades como o foi a Renascença aparece enquanto a

última grande época, e nós, nós modernos, com nossos cuidados amedrontados em torno de nós mesmos e com nosso amor ao próximo, com nossas virtudes do trabalho, da ausência de requisições, da probidade, da cientificidade - compiladores, econômicos, maquinais - enquanto uma época *fraca*... Nossas virtudes são condicionadas, são *requeridas* por nossas fraquezas... A "igualdade", uma certa assemelhação factual que só ganha expressão no interior da teoria dos "direitos iguais", pertence essencialmente à decadência: o fosso entre homem e homem, estado e estado, a multiplicidade de tipos, a vontade de ser si próprio, de destacar-se, isto que denomino como o *Pathos da Distância*: tudo isto é próprio a todo tempo *forte*. A elasticidade, a envergadura entre os extremos vem se tornando hoje cada vez menor os extremos mesmo desaparecem por fim em meio à similitude... Todas as nossas teorias políticas e constituições de estado, o "império alemão" sem ser absolutamente excluído, são desdobramentos, conseqüências necessárias da decadência; o efeito inconsciente da *decadência* estendeu o seu assenhramento até o cerne dos ideais das ciências particulares. A minha objeção contra toda a sociologia na Inglaterra e na França continua sendo o fato de ela só conhecer por experiência a *conformação de declínio* da sociedade e tomar de modo completamente inocente os próprios instintos *decadentes* enquanto *norma* dos juízos sociológicos de valor. A vida *decadente*, o definhamento de toda força organizadora, isto é, separadora, capaz de abrir fossos, subordinadora e hierarquizadora, formulou-se na sociologia de hoje como *ideal*... Nossos socialistas são *decadentes*, mas também Herbert Spencer é um *decadente*: ele vê na vitória do altruísmo algo digno de ser almejado!...

38.

Meu Conceito de Liberdade. - O valor de uma coisa reside por vezes não no que se alcança com ela, mas no que se paga por ela - o que ela nos *custa*. Dou um exemplo. As instituições liberais deixam imediatamente de ser liberais, no momento em que são alcançadas: não há depois nenhum corruptor mais incisivo e fundamental da liberdade do que instituições liberais. Se sabe em verdade, que caminhos elas abrem: elas minam a vontade de potência, elas são o nivelamento da montanha e do vale elevado à condição de moral, elas apequenam, acovardam e acostumam ao deleite: com elas sempre triunfa o animal de rebanho. Liberalismo: em alemão, *animalização gregária*... As mesmas instituições produzem, enquanto ainda são combatidas, efeitos completamente diversos; elas fomentam de fato a liberdade de uma maneira poderosa. Visto mais precisamente é a guerra que produz estes efeitos, a guerra *contra* as instituições liberais, que, enquanto guerra, deixa persistir os instintos *não-liberais*. A guerra educa para a liberdade. Pois o que é liberdade! O fato de se ter a vontade de se responsabilizar por si próprio. O fato de se sustentar a distância que nos distingue. O fato de se tornar indiferente à fadiga, à rigidez, à privação, mesmo à vida. O fato de se estar preparado para sacrificar os homens pela coisa sua, sem deixar de contar a si mesmo neste sacrifício. Liberdade significa: os instintos *viris*, alegres na guerra e na vitória se apoderaram dos outros instintos - por exemplo, o instinto de "felicidade". O homem que *se tornou livre*, e muito mais ainda o *espírito* que se tornou livre pisa sobre o modo de ser desprezível do bem-estar, com o qual sonham o comerciante, o cristão, a vaca, a mulher, o inglês e outros democratas. O homem livre é *guerreiro*. - A partir de que critério se mensura a liberdade dos indivíduos, assim como dos povos? A partir da resistência que precisa ser superada, a partir do esforço que custa para permanecer *em cima*. Teria de se procurar o tipo mais elevado de homem livre lá, onde constantemente se supera a mais elevada resistência: cinco passos além da tirania, colado no umbral do risco da servidão. Isto é psicologicamente verdadeiro, se se compreender aqui sob os "tiranos" instintos implacáveis e terríveis, que exigem o máximo de autoridade e disciplina contra si: o tipo mais belo é Júlio César; isto também é politicamente verdadeiro, basta percorrer o caminho histórico. Os povos que tiveram um certo valor, que *foram* valorosos, nunca o foram sob instituições liberais: o *grande perigo* fazia algo com eles, que merece vevação; o perigo que nos ensina pela primeira vez a conhecer nossos recursos, nossas virtudes, nosso valor e nossas armas, nosso *espírito* - que nos *obriga* a sermos fortes... *Primeiro* princípio: temos de precisar ser fortes: senão nunca nos tornamos fortes. - Aquelas grandes estufas para uma espécie humana forte, para a mais forte das espécies humanas que até hoje existiu, aquelas coletividades aristocráticas à moda de Roma e de Veneza entendiam a liberdade exatamente no mesmo sentido que eu compreendo esta palavra: enquanto algo que se tem e *não* se tem, que se *quer*, que se *conquista*...

39.

Crítica da Modernidade. - Nossas instituições não prestam mais para nada: quanto a isto se é unânime. Isto não reside contudo nelas mesmas, mas em *nós*. Depois de todos os instintos, a partir dos quais as instituições crescem, desaparecerem de nosso horizonte, desaparecem de nosso horizonte as instituições em geral, porque não valemos mais nada para elas. Democratismo foi em todos os tempos a forma decadente da força organizadora: já caracterizei em *Humano demasiado Humano* I, 318 a democracia moderna junto com suas derivações medianas, tal como o "império alemão", como uma *forma declinante do estado*. Para que haja instituições, é preciso que haja uma espécie de vontade, de instinto, de imperativo, antiliberal até as raias da maldade: a vontade de tradição, de autoridade, de responsabilidade por séculos além, de *solidariedade* pelas correntes das gerações tanto para adiante quanto para trás *in infinitum*. *Esta* vontade está presente?! Então funda-se algo como o *imperium Romanum*: ou como a Rússia, o *único* poder, que possui hoje duração corpórea, que pode esperar, que ainda pode prometer alguma coisa. Rússia: o conceito antípoda do deplorável particularismo e do deplorável nervosismo europeu, que entrou em cena em um estado crítico junto com a fundação do império alemão. Todo o ocidente não possui mais aqueles instintos, a partir dos quais crescem as instituições, a partir dos quais cresce o *futuro*: nada talvez seja mais incongruente com o "espírito moderno" do que estes instintos. Se vive em função do hoje, se vive muito rapidamente - se vive de maneira muito irresponsável: isto justamente denomina-se como "liberdade". O que *faz* das instituições instituições é desprezado, odiado, recusado: se acredita estar diante do risco de uma nova escravidão, onde a palavra "autoridade" ganha apenas voz. Tão profundamente se estabeleceu a *decadência* nos instintos valorativos de nossos políticos, de nossos partidos políticos: *eles privilegiam instintivamente* o que dissipa, o que acelera o acontecimento do fim... Atestado: o *casamento moderno*. Do casamento moderno desapareceu evidentemente toda racionalidade: isto não constitui porém nenhuma objeção ao casamento, mas à modernidade. A racionalidade do casamento - ela residia na responsabilidade jurídica exclusiva do homem: com isto, ele tinha um peso e uma medida, enquanto agora ele claudica das duas pernas. A racionalidade do casamento - ela residia em sua indissolubilidade em princípio: com isto, ele recebia um acento, que sabia *criar para si* frente ao acaso de sentimento, paixão e instante uma *escuta*. Ela residia até mesmo na responsabilidade da família pela escolha dos noivos. Eliminou-se com a crescente indulgência em favor do casamento por amor exatamente a base fundamental do casamento, o que primeiramente *fazia* dele uma instituição. Nunca se funda uma instituição sobre uma idiossincrasia, *não* se funda, como disse, o casamento sobre o "amor": se funda sim o casamento sobre o impulso sexual, sobre o impulso de posse (mulher e criança enquanto propriedades), sobre o *impulso de domínio*, que organiza para si constantemente a menor conformação do domínio, a família que *precisa* de filhos e herdeiros, para fixar também fisiologicamente uma medida alcançada de poder, influência, riqueza, para preparar tarefas longas e o instinto de solidariedade entre séculos. O casamento enquanto instituição já encerra em si a afirmação da grande e mais duradoura forma de organização: se a sociedade mesma enquanto um todo *não* puder *elogiar* o casamento até as gerações mais longínquas e para além delas, então este não possui sentido algum. - O casamento moderno *perdeu* o seu sentido, - conseqüentemente se o suprime. -

40.

A Questão dos Trabalhadores. - A estupidez, no fundo a degeneração dos instintos, que hoje é a causa de *toda* estupidez, reside no fato de haver uma questão dos trabalhadores. Sobre certas coisas *não se coloca perguntas*: primeiro imperativo do instinto. - Eu não consigo vislumbrar, o que se quer fazer com o trabalhador europeu, depois de se ter transformado inicialmente os trabalhadores em uma questão. Eles se encontram bem demais, para não questionarem passo a passo e de maneira imodesta. Eles têm por fim o grande número a seu favor. A esperança de que venha a se conformar uma espécie de homens modestos e satisfeitos consigo mesmos, um tipo de chinês, já se dissipou completamente: e isto teria sido razoável, isto teria sido francamente uma necessidade. O que se fez? - Tudo para aniquilar mesmo em germe os pressupostos para tanto. Dizimaram-se radicalmente os instintos, em virtude dos quais um trabalhador é possível enquanto condição, vem a ser possível *para si mesmo*, através da mais irresponsável irreflexão. Fez-se dos trabalhadores seres aptos à militarização, concedeu-se-lhes o direito de coalizão, o direito de voz política: que espanto pode haver no fato de o trabalhador sentir já hoje a sua existência como um estado de penúria (expresso moralmente como uma *injustiça* -)?

Mas o que se quer? Indago uma vez mais. Se se quer uma finalidade, também se precisa querer os meios: se se querem escravos, então não se é senão louco, ao educá-los para serem senhores. -

41.

"A liberdade que não tenho em vista..." Em tempos como os nossos, deixar-se à mercê de seus instintos é uma fatalidade a mais. Os instintos contradizem-se, irritam-se, dizem-se entre si; já defini o *moderno* como a autocontradição fisiológica. A racionalidade da educação exigiria, que ao menos um destes sistemas de instintos fosse *paralisado* sob uma pressão férrea, para permitir que um outro ganhasse força, se tornasse forte, se tornasse senhor. Hoje seria preciso tornar primeiramente o indivíduo possível, quando o *podamos*: possível, isto é, um *todo*... O que acontece é o contrário: a requisição por independência, por desenvolvimento livre, por deixar rolar é feita da maneira mais veemente por aqueles, para os quais nenhuma rédea *seria por demais rigorosa* - isto vale *in politicis*, isto vale também na arte. Mas isto é um sintoma da *decadência*: nosso conceito moderno de liberdade é mais uma prova da degradação dos instintos.

42.

Onde é necessária a presença da crença. - Nada é mais raro entre moralistas e santos do que a retidão; talvez eles digam o contrário, talvez eles *acreditem* mesmo no contrário. Se em verdade uma crença é mais útil, mais eficaz, mais convincente do que a dissimulação *consciente*, então a dissimulação se transforma de imediato e por instinto em *inocência*: primeiro princípio para a compreensão de grandes santos. Também junto aos filósofos, um outro tipo de santo, todo o ofício traz consigo o fato de apenas certas verdades serem admitidas: a saber, apenas tais verdades, em relação às quais seu ofício conta com a sanção *pública* - dito kantianamente, verdades da razão *prática*. Eles sabem o que eles *precisam* provar, nisto eles são práticos - eles se reconhecem entre si através do consenso quanto à verdade. "Tu não deves mentir". Em alemão: *precavenha-te*, meu caro filósofo, quanto a dizer a verdade.

43.

Dito ao pé do ouvido para os conservadores. - O que antes não se sabia e hoje se sabe, se poderia saber - uma *involução*, uma inversão em um sentido e em um grau quaisquer não é absolutamente possível. Nós fisiólogos ao menos o sabemos. Mas todos os sacerdotes e moralistas acreditaram nisto - eles *queriam* trazer a humanidade de volta para uma medida de virtude *anterior*, *girar o parafuso* para trás. Moral sempre foi um leito de Procrusto. Mesmo os políticos imitaram quanto a isto os pregadores da virtude: ainda hoje há partidos que sonham como meta para todas as coisas o *andar de caranguejo*. Mas ninguém está realmente livre para escolher ser caranguejo. Não adianta nada: é *preciso* seguir em frente, quer dizer, *passo a passo cada vez mais profundamente na decadência* (esta é a minha definição do "progresso" moderno ...). Pode-se obstaculizar este desenvolvimento, e, através desta obstaculização, represar, recolher, tornar mais veemente e mais *súbita* a degeneração mesma: mais não se pode fazer, -

44.

Meu conceito de Gênio. - Grandes homens são assim como grandes tempos um material explosivo, no interior do qual uma força imensa é acumulada. Histórica ou fisiologicamente, o seu pressuposto é sempre que esta força tenha se agrupado, amontoado, poupado e conservado por muito tempo para eles, - que nenhuma explosão tenha tido lugar. Se a tensão tornou-se grande demais em sua dimensão, é suficiente o estímulo mais acidental para trazer o "gênio", a "ação", o grande destino ao mundo. O que importa então o meio circundante, a época, o "espírito do tempo", a "opinião pública"! - Consideremos o caso de Napoleão. A França da revolução, e ainda mais a França pré-revolucionária teria produzido a partir de si mesma o tipo oposto ao de Napoleão: ela chegou mesmo a produzir este tipo oposto. E porque Napoleão era *diferente*, herdeiro de uma civilização mais forte, mais extensa, mais antiga do que essa que se volatilizava e esfacelava na França, ele se tornou aí senhor, ele foi aí o único senhor. Os grandes homens são necessários, o tempo em que aparecem são casuais; o fato de eles quase sempre se transformarem em senhores sobre o seu tempo não se sustém senão através do fato de eles serem mais

fortes, mais antigos, de as forças terem se agrupado por mais tempo em direção a eles. Entre um gênio e seu tempo subsiste uma relação tal como a relação entre o forte e o fraco, também como a relação entre o antigo e o novo: o tempo é relativamente sempre muito mais jovem, muito mais franzino, muito mais inseguro, muito mais infantil. Que se pense hoje na França de uma maneira *muito diferente* (na Alemanha também: mas isto não diz nada), que lá a teoria do *milieu [meio]*, uma verdadeira teoria de neuróticos, tenha se tornado sacrossanta, quase científica e tenha encontrado crença até mesmo entre os fisiólogos, isto "não cheira bem", isto é capaz de levar alguém a tristes pensamentos. - Também não se compreendem as coisas de outra forma na Inglaterra, mas ninguém vai se incomodar com isto. Para o inglês, só se encontram dois caminhos abertos para suportar o gênio e o "grande homem": ou bem *democraticamente* como Buckle, ou bem *religiosamente* como Carlyle. O *risco* que reside em grandes homens e tempos é extraordinário; a extenuação de todos os tipos, a esterilidade os persegue de perto. O grande homem é um fim; o grande tempo, a Renascença por exemplo, é um fim. O gênio - em obra, em ação - é necessariamente um desperdiçador: do fato de exaurir a si mesmo advém a sua grandeza... O instinto da auto-conservação está como que exposto; a pressão ultraviolenta das forças que estão se extravasando o impede de toda tentativa de proteção como esta e de todo cuidado. Costuma-se chamar isto de "sacrifício"; é célebre o seu "heroísmo" em meio a este sacrifício, sua indiferença frente ao próprio bem-estar, sua entrega a uma idéia, a uma grande idéia, à pátria: tudo mal-entendidos... Ele extravasa, ele transborda, ele se consome, ele não se poupa - com fatalidade, fatidicamente, involuntariamente como a irrupção de um rio por sobre as suas margens é involuntária. Mas porque se deve muito a tais explosivos, também lhes presentearam em contrapartida muitas coisas, por exemplo um tipo de *moral superior*... Este é mesmo o modo de ser da gratidão humana: ela *compreende mal* seus benfeitores.

45.

O criminoso e o que lhe é aparentado. - O tipo do criminoso é o tipo do homem forte sob condições desfavoráveis, um homem forte transformado em um homem doente. A ele falta a selva, uma certa natureza e forma de existência mais livres e mais perigosas, na qual todas as armas e objetos de defesa presentes no instinto do homem forte *são justas*. Suas *virtudes* caem sob o encanto da sociedade; os impulsos mais vitais trazidos consigo definham em meio ao crescimento conjunto com os afetos oprimidos, com a suspeita, com o medo, com a desonra. Mas este é quase mesmo a *receita* para a degradação fisiológica. Aquele que precisa empreender às escondidas o que pode fazer melhor e que faria com o maior prazer, este se torna anêmico depois de uma longa tensão, de um longo cuidado, de uma longa astúcia; e como ele sempre colhe apenas perigo, perseguição, fatidicidade de seus instintos, transmuta-se também o seu sentimento frente a estes instintos - ele os sente fatalisticamente. A sociedade, nossa sociedade domesticada, mediana, adulterada é o lugar no qual um homem talhado naturalmente para o crescimento, que vem das montanhas ou das aventuras no mar, se degrada necessariamente e se transforma em um criminoso. Ou quase necessariamente: pois há casos, nos quais um tal homem se mostra mais forte do que a sociedade: o còrsico Napoleão é o caso mais célebre. Para o problema que se apresenta aqui, o testemunho de Dostoiévski é relevante - de Dostoiévski, do único psicólogo, dito *de passagem*, do qual tive algo a aprender: ele pertence aos mais belos casos de sorte de minha vida, mais mesmo do que a descoberta de Stendhal. Este homem *profundo*, que teve mais do que o direito de desprezar os superficiais alemães, vivenciou de maneira muito diversa da que ele próprio esperava as casas de detenção siberianas, em meio às quais viveu durante um longo tempo, assim como os criminosos mais terríveis, para os quais não havia nenhuma possibilidade de retorno à sociedade: mais ou menos como se tivessem sido talhados a partir da melhor, mais firme e valorosa madeira, que cresce do solo russo em geral. Universalizemos para nós o caso do criminoso: pensemos naturezas, em relação às quais por algum motivo falta o consentimento público, que sabem, que não são consideradas enquanto benéficas, enquanto úteis - aquele sentimento de chandala, de que não se vale como um igual, mas como um excluído, indigno, impuro. Todas estas naturezas têm a cor do subterrâneo por sobre pensamentos e ações; junto a eles tudo se torna mais esvaecido do que junto àqueles, cujo sol repousa sobre sua existência. Mas quase todas as formas de existência, que hoje recebem de nós uma distinção, viveram outrora sob este ar meio sepulcral: o caráter científico, o artista, o gênio, o espírito livre, o ator, o comerciante, o grande descobridor... Enquanto o *padre* vigiou enquanto o tipo mais elevado, *toda e qualquer* espécie valorosa de homem perdeu seu valor... É chegado o tempo - eu o prometo -, no qual

ele valerá como o *mais baixo*, como o *nosso* chandala, como a espécie de homem mais indecente... Notai como ainda agora, sob o regime mais suave dos costumes que já reinou sobre a Terra, no mínimo sobre a Europa, todo degredo, toda longa, demasiadamente longa *permanência em uma posição inferior*, toda forma de existência inabitual, impassível de ser transpassada com o olhar traz para próximo daquele tipo que o criminoso encerra. Todo inovador do espírito carrega por um tempo o sinal lívido e fatalista do chandala sobre a testa: *não* porque seriam considerados assim, mas porque eles mesmos sentem o terrível abismo que os separa de todos os seus antecessores e dos que são venerados. Quase todo gênio conhece enquanto um de seus desenvolvimentos a "existência catilinária", um sentimento de ódio, de vingança e revolta contra tudo o que *é*, e que não vai mais *se tornar*... Catilina - a forma preexistente a todo César. -

46.

Aqui a vista é livre. - Pode ser elevação da alma, quando um filósofo se cala; pode ser amor, quando se contradiz; é possível a existência de uma cortesia do homem do conhecimento, que se estabeleça sobre a mentira. Não se disse sem fineza: *é indigno dos grandes corações expandir a preocupação que experimentam: apenas* é preciso que se acrescente o fato de o não temer *os mais indignos* também poder ser igualmente grandeza da alma. Uma mulher que ama sacrifica sua honra; um homem do conhecimento, que "ama", talvez sacrifique a sua humanidade; um Deus, que amou, tornou-se judeu...

47.

A beleza não é nenhum acaso. - Mesmo a beleza de uma raça ou família, seu garbo e graciosidade em todos os gestos são elaborados: ela é, assim como o gênio, o resultado final do trabalho acumulado de gerações. É preciso que se tenha trazido ao bom gosto grandes sacrifícios, é preciso que se tenha feito por sua causa muitas coisas e que se tenha deixado muitas coisas - o século dezessete na França é digno de admiração em ambos os aspectos - é preciso que se tenha tido nele um princípio de escolha, para a sociedade, o lugar, a vestimenta, a satisfação sexual, é preciso que se tenha preferido a beleza ao ganho, ao hábito, à opinião. A mais elevada norma: é preciso que não se "deixe as coisas rolarem" mesmo em relação a si mesmo. - As boas coisas são dispendiosas para além das medidas: e sempre vale a lei de que quem *a possui* é diverso de quem *a conquista*. Todo bem é herança: o que não é herdado, é imperfeito, é começo... Em Atenas no tempo de Cícero, que expressou quanto a isto o seu espanto, os homens e os jovens eram em muito superiores às mulheres no que concerne à beleza: mas que trabalhos e esforços em favor da beleza não tinham sido aí exigidos de si mesmo durante séculos! - Não se deve equivocar aqui em verdade no que diz respeito à metodologia: uma mera disciplina de sentimentos e pensamentos é quase nula (- aqui reside o grande mal-entendido da formação alemã, que é totalmente ilusória): é preciso que se convença antes de mais nada o *corpo*. A sustentação rigorosa de gestos consideráveis e selecionados, uma obrigatoriedade em viver apenas com homens que não "deixam as coisas rolarem", é plenamente suficiente, para se tornar considerável e selecionado: em duas, três gerações, tudo já está *interiorizado*. É decisivo quanto ao destino do povo e da humanidade, que se comece a cultura a partir do lugar correto - *não* a partir da "alma" (como era a superstição fatídica dos sacerdotes e semi-sacerdotes): o lugar correto é o corpo, os gestos, a dieta, a fisiologia, o resto segue daí... Os gregos permanecem por isto o *primeiro acontecimento cultural* da história - eles sabiam, eles *faziam* o que era necessário; o cristianismo, que desprezava o corpo, foi até aqui a maior desgraça da humanidade. -

48.

Progresso no meu sentido. Eu também falo em "retorno à natureza", apesar deste retorno não envolver propriamente um retrocesso, mas uma *ascensão* - ascender até a natureza e a naturalidade elevadas, livres, mesmo terríveis, uma tal que joga, que *tem o direito* de jogar com grandes tarefas... Para falar *alegoricamente*: Napoleão foi um exemplo de "retorno à natureza", tal como a compreendo (por exemplo, *in rebus tacticis*; ainda mais, como sabem os militares, estrategicamente). - Mas Rousseau: para onde queria propriamente retornar? Rousseau, este primeiro homem moderno, idealista e *canalha* em uma única pessoa; que tinha a necessidade da "dignidade" moral, para perseverar em seu próprio aspecto; doente de uma vaidade e de um autodesprezo desenfreados. Também este aborto, que se alocou em meio ao umbral do novo tempo, queria o "retorno à natureza" - para onde, uma vez mais

indago, Rousseau queria retornar? Eu odeio Rousseau ainda na revolução: ele é a expressão histórico-mundial para esta dualidade de idealista e *canalha*. A *farsa* sanguinária, com a qual esta revolução transcorreu, sua "imoralidade", não me importa muito: o que odeio é a sua *moralidade* rousseauiana - as assim chamadas "verdades" da revolução, com as quais ela sempre ainda produz efeito e convence tudo o que há de raso e mediano para si. A doutrina da igualdade!... Mas não há nenhum veneno mais venenoso: pois ele *parece* estar sendo pregado pela própria justiça, enquanto é o *fim* da justiça... "Aos iguais algo igual, aos desiguais algo desigual - este seria o verdadeiro discurso da justiça: e, o que segue daí, nunca tornar igual o desigual". - O fato das coisas terem girado em torno daquela doutrina da igualdade de maneira tão terrível e sangrenta entregou a esta "idéia moderna" *por excelência* uma espécie de glória e uma aparência de chama, de modo que a revolução enquanto *peça teatral* seduziu mesmo os espíritos mais nobres. Isto não é por fim nenhum motivo para apreciá-la mais. - Eu só vejo um homem que a acolheu como ela precisa ser acolhida, com *nojo* - Goethe...

49.

Goethe - Nenhum acontecimento alemão, mas um acontecimento europeu: uma tentativa grandiosa de superar o século dezoito através de um retorno à natureza, através de uma *ascensão* até a naturalidade da Renascença, uma espécie de auto-superação por parte deste século... - Ele carregou em si o instinto maximamente intenso deste século: a sensibilidade, a idolatria da natureza, o anti-histórico, o idealista, o irreal e revolucionário (o último é apenas uma forma do irreal). Ele encontrou o auxílio da história, da ciência natural, da antigüidade, do mesmo modo que de Espinoza, antes de tudo da atividade prática; ele se cercou com horizontes extremamente cerrados; ele não se descolou da vida, ele se inseriu nela; ele não se desanimou e tomou tanto quanto possível para si, sobre si, em si. O que ele queria era a *totalidade*; ele combateu a cisão entre razão, sensibilidade, sensação, vontade (- pregada através de *Kant* em uma escolástica maximamente aterradora; *Kant*, o antípoda de *Goethe*), ele disciplinou-se para a completude, ele *criou a si mesmo*... *Goethe* foi, em meio a uma era disposta irrealmente, um realista convicto: ele disse sim a tudo o que lhe era neste ponto aparentado - ele não teve nenhuma vivência maior do que aquele *ens realissimum* chamado Napoleão. *Goethe* concebeu um homem forte, elevadamente culto, hábil em toda corporeidade, que controlava a si mesmo e venerava a si mesmo; um homem que tinha o direito de ousar não invejar toda a envergadura e a riqueza da naturalidade, que era forte o bastante para esta liberdade; o homem da tolerância, não por fraqueza, mas por força, porque sabia usar ainda em seu proveito o que produziria o perecimento da natureza mediana; o homem, para o qual não existia nada mais proibido, a não ser a *fraqueza*, seja esta um vício ou uma virtude... Um tal *espírito*, que se tornou livre, encontra-se com um fatalismo alegre e confiante em meio ao todo, na *crença* em que apenas o singular é reprovável, em que no todo tudo se dissolve e afirma - *ele não nega mais*... Mas uma tal crença é a maior de todas as crenças possíveis: eu a batizei sob o nome de *Dioniso*. -

50.

Poder-se-ia dizer, que, em certo sentido, o século dezenove *também* aspirou a tudo, ao que *Goethe* aspirava enquanto pessoa: uma universalidade no entendimento, na aprovação, um ficar na expectativa de qualquer coisa, um realismo arrojado, uma veneração frente a todo fatal. Como é possível que o resultado conjunto não seja nenhum *Goethe*, mas um caos, um suspiro niilista, um não-saber-desde-onde-nem-para-o-interior-do-que, um instinto de fadiga, que *in praxi* leva incessantemente a *retroceder ao século dezoito?* (por exemplo, enquanto romantismo do sentimento, enquanto altruísmo e hiper-sentimentalismo, enquanto feminismo no gosto, enquanto socialismo na política). O século dezenove não é, sobretudo em seu desfecho, meramente um século dezoito reforçado e *corrompido*, ou seja, um século *decadente?* De modo que *Goethe* teria sido não apenas para a Alemanha, mas para toda a Europa simplesmente um incidente, um belo acontecimento vão? - Mas se compreende mal grandes homens, quando se os considera a partir da pobre perspectiva de uma utilidade pública. O fato de não se saber tirar dele nenhuma utilidade *talvez pertença mesmo à grandeza*...

51.

Goethe é o último alemão, frente ao qual tenho veneração: ele teria experienciado três coisas, que experienciei também nos entendemos em relação à "Cruz"... As pessoas me perguntam freqüentemente,

por que afinal escrevo em *alemão*: em lugar algum fui tão mal lido quanto na terra pátria. Mas quem sabe por fim, se nem mesmo *desejo* ser lido hoje? - Criar coisas nas quais o tempo aplica em vão seus dentes; segundo a forma, segundo a *substância* estar empenhado em uma pequena imortalidade - nunca fui modesto o suficiente para exigir de mim menos do que isto. O aforismo, a sentença, nas quais sou o primeiro mestre dentre os alemães, são as formas da "eternidade"; minha ambição é dizer em dez frases, o que qualquer um outro diz em um livro - o que qualquer outro *não* diz em um livro...

Eu dei à humanidade o livro mais profundo que ela possui, o meu *Zaratustra*: eu lhe darei em breve o livro mais independente. -

O QUE DEVO AOS ANTIGOS

1.

Por fim uma palavra sobre aquele mundo, ao qual busquei acessos, ao qual talvez tenha encontrado um novo acesso - o mundo antigo. Meu gosto, que pode bem ser o contrário de um gosto tolerante, também está longe aqui de dizer sim em bloco: ele não gosta absolutamente de dizer sim, de preferência ainda um não, na melhor das hipóteses não diz nada... Isto vale em relação a culturas como um todo, isto vale em relação a livros - vale também para lugares e paisagens. No fundo há um número muito pequeno de livros antigos, que contam em minha vida; os mais célebres não se encontram entre eles. Meu sentido para o estilo, para o epigrama enquanto estilo, despertou quase instantaneamente ao contato com Salústio. Eu não esqueço o espanto de meu honrado professor Corssen, quando precisou dar ao seu pior aluno de latim a melhor nota, - de uma tacada só estava pronto. Conciso, rigoroso, com tanta substância quanto possível por fundamento, uma malícia fria contra a "bela palavra", também contra o "belo sentimento" - nisto desvendei a mim mesmo. Se reconhecerá em mim até o meu Zaratustra uma ambição muito séria pelo estilo *romano*, pelo "*aere perennius*" no estilo. - Não de modo diverso se passaram as coisas para mim em meio ao primeiro contato com Horácio. Até hoje nunca tive em nenhum outro poeta o mesmo encanto artístico que me foi dado desde o princípio pela Ode de Horácio. Em certas línguas, não se deve sequer *querer* o que aqui é alcançado. Este mosaico de palavras, no qual cada palavra espria sua força enquanto som, enquanto lugar, enquanto conceito, para a direita e para a esquerda e por sobre o todo, este *minimum* em abrangência e em número de signos, este *maximum* de energia dos signos com isto intentado. Tudo isto é romano, e, se quiserem acreditar em mim, *nobre por excelência*. Todo o resto da poesia torna-se inversamente algo por demais popular - um mero falatório sentimental...

2.

Aos gregos não devo absolutamente nenhuma impressão intensa aparentada; e, para proferi-lo diretamente, eles não *podem* ser para nós o que os romanos são. Não se *aprende* dos gregos - seu modo de ser é demasiado estranho, ele também é demasiado fluido para atuar imperativamente, "classicamente". Quem teria jamais aprendido a escrever junto a um grego! Quem o teria jamais aprendido *sem* os romanos!... Que não venham para mim com uma objeção chamada Platão. Em relação a Platão sou um cético fundamental e nunca estive em condições de concordar com a admiração do *artista* Platão - uma admiração que é corrente entre os eruditos. Por fim, tenho aqui do meu lado o juiz de gosto mais refinado dentre os antigos mesmos. Tal como me parece, Platão mistura confusamente todas as formas do estilo, ele é com isto o *primeiro decadente* do estilo: ele traz consigo marcado na sua consciência algo similar aos cínicos, que inventaram a *Sátira Menipéia*. Para que o diálogo platônico, esta espécie repulsivamente presunçosa e infantil de dialética, possa atuar enquanto estímulo, é preciso que nunca se tenha lido bons franceses - Fontenelle, por exemplo. Platão é entediante. - Por fim, minha desconfiança junto a Platão vai até o fundo: eu o considero tão desviado de todos os instintos fundamentais dos helenos, tão moralizado, tão pre-existentemente cristão - ele já tinha o conceito "bom" enquanto o conceito supremo -, que gostaria de utilizar em relação a todo o fenômeno Platão antes a

dura expressão "o mais alto embuste", ou, se se preferir escutar, mais do que qualquer outra palavra, o mais alto Idealismo. Pagou-se caro pelo fato deste ateniense ter estudado com os egípcios (- ou com os judeus no Egito? ...) Em meio à grande fatalidade do cristianismo, Platão é esta fascinação dúbia chamada "Ideal", que tornou possível para as naturezas nobres da antigüidade compreender mal a si mesmas e pôr os pés sobre a *ponte* que conduziu até a "cruz"... E o quanto de Platão há ainda no conceito "igreja", na construção, no sistema, na práxis da igreja! - Meu descanso, minha predileção, minha *cura* de todo platonismo sempre foi *Tucidides*. Tucídides, e, talvez, o Príncipe de Maquiavel são maximamente aparentados comigo mesmo através da vontade incondicionada de não se deixar engambelar e de considerar a razão na *realidade* - *não* na "razão", menos ainda na "moral"... Da lastimável utilização de tons pastéis por parte dos gregos, sob a roupagem de ideal, que o jovem "classicamente formado" carrega em meio à vida como recompensa por sua aplicação no colégio, nada cura tão fundamentalmente quanto Tucídides. É preciso virá-lo de cabeça para baixo linha por linha e decifrar tão distintamente os seus pensamentos implícitos quanto as suas palavras: existem poucos pensadores tão ricos em pensamentos implícitos. Nele a *cultura dos sofistas*, quer dizer, a *cultura dos realistas*, alcançou a sua expressão plena: este movimento inestimável em meio ao embuste moral e ideal, que irrompia por toda parte, em meio ao embuste moral e ideal da escola socrática. A filosofia grega enquanto a *decadência* dos instintos antigos; Tucídides enquanto a grande soma, a última revelação daquela facticidade forte, rigorosa, dura, que residia nos instintos dos antigos helenos. A *coragem* frente à realidade diferencia por fim tais naturezas como Tucídides e Platão: Platão é um covarde diante da realidade - conseqüentemente, ele se refugia no ideal; Tucídides tem a si mesmo sob controle, por conseguinte mantém também as coisas sob controle...

3.

Arrepiar-se diante dos gregos em virtude de suas "belas almas", suas "medidas plenas" e outras perfeições; admirar mais ou menos neles a calma em meio à grandeza, a meditação ideal, a elevada ingenuidade. Contra esta "elevada ingenuidade", em última instância contra uma *niaiserie allemande* [tolice alemã], fui protegido pelo psicólogo, que trazia em mim. Vi seu instinto maximamente intenso, a vontade de potência, os vi tremer frente à violência indômita deste impulso - vi todas as suas instituições crescerem a partir de regras e medidas de segurança, para se assegurarem uns em relação aos outros contra seu *material explosivo* intrínseco. A monstruosa tensão na interioridade descarregou-se então em uma inimizade terrível e brutal contra a exterioridade: as comunidades cidadinas dilaceraram-se entre si, para que os cidadãos de cada uma delas em particular pudesse encontrar paz diante de si mesmo. Tinha-se necessidade de ser forte: o perigo estava por perto - ele estava por toda parte à espreita. A corporeidade exuberantemente flexível, o realismo e o imoralismo temerários, que eram próprios aos helenos, foi uma *necessidade*, não uma "natureza". Ele sucedeu primeiramente, ele não estava desde o princípio aí. E com festas e artes não se queria outra coisa senão se sentir *por cima*, se *mostrar por cima*: são meios de glorificar a si mesmo, em certas circunstâncias de provocar medo em relação a si mesmo... Julgar os gregos de uma maneira alemã segundo os seus filósofos, como que utilizar a lengalenga dos bons homens da escola socrática enquanto chave para determinar o que é no fundo helênico!... Os filósofos são sim os *decadentes* do mundo grego, o movimento contrário ao antigo e nobre gosto (- contra o instinto agonístico, contra a *pólis*, contra o valor da raça, contra a autoridade da tradição). As virtudes socráticas foram pregadas, *porque* eles tinham desaparecido do seio dos gregos: irritadiços, covardes, instáveis, comediantes todos em conjunto, eles tinham algumas razões a mais para permitir que a moral lhes fosse pregada. Não que isto tivesse ajudado alguma coisa: mas grandes palavras e atitudes caem muito bem em *decadentes*...

4.

Eu fui o primeiro a, em nome da compreensão daquele instinto mais antigo, daquele instinto helênico ainda rico e transbordante, considerar a sério aquele fenômeno maravilhoso, que carrega o nome de Dioniso: ele só é passível de ser explicado a partir de um *excedente* de força. Quem segue os rastros dos gregos, como o mais profundo conhecedor de sua cultura hoje vivo, Jacob Burckhardt em Basileia, sabe imediatamente que com isto foi dado um passo decisivo: Burckhardt inseriu em seu livro a *Cultura dos Gregos* um parágrafo próprio sobre o dito fenômeno. Se quisermos o contraponto, basta olhar para a quase divertida pobreza instintiva dos filólogos alemães, ao se aproximarem do dionisiaco. O célebre

Lobeck sobretudo, que, com a louvável segurança de um verme ressequido por entre livros, arrastou-se até o interior deste mundo de estados misteriosos e convenceu-se de ser com isto científico, de modo que foi leviano e infantil até o nojo - Lobeck tornou possível perceber com todo o dispêndio de erudição, que o dionisiaco não possui propriamente nada em comum com todas estas curiosidades. É de fato possível que os sacerdotes tenham comunicado aos participantes de tais orgias idéias que não são desprovidas de valor: por exemplo, que o vinho estimula o prazer, que o homem vive em certas circunstâncias de frutos, que as plantas florescem na primavera e murcham no outono. No que concerne àquele estranho manancial de ritos, símbolos e mitos de origem orgiástica, pelos quais o mundo antigo é de maneira totalmente literal coberto, Lobeck encontra nele um motivo para ser arguto ainda um grau além. "Os gregos, ele diz em *Aglaophamus I*, 672, não tinham nada diverso para fazer, então riam, pulavam, perambulavam por aí, ou, já que os homens por vezes também têm vontade disto, se sentavam no chão, choravam e lamentavam-se. Outros vieram então posteriormente juntar-se aí e procuraram porém uma razão qualquer para o estranho modo de ser; e assim surgiram como esclarecimento daqueles usos aquelas inumeráveis sagas festivas e mitos. Do outro lado acreditava-se que aquele *movimento pícaro*, o qual tinha lugar agora em meio aos dias de festa, pertencia também necessariamente aos festejos, e se o retinha enquanto uma parte indispensável do culto ao deus". - Isto é falatório desprezível, não se pode levar nem mesmo por um instante Lobeck a sério. De uma forma totalmente diversa isto nos toca, quando provamos o conceito "grego" cunhado por Winckelmann e Goethe, e o achamos incompatível com aquele elemento, a partir do qual a arte dionisiaca cresce - com o orgiasmo. Eu não duvido de fato que Goethe tivesse excluído fundamentalmente das possibilidades da alma grega algo deste gênero. *Conseqüentemente, Goethe não entendeu os gregos.* Pois somente nos mistérios dionisiacos, na psicologia do estado dionisiaco vem à fala o *fato fundamental* do instinto helênico - sua "vontade de vida". Que responsabilidade o heleno assumia com estes mistérios? A vida *eterna*, o eterno retorno da vida; o futuro prometido e santificado no passado; o sim triunfante à vida para além da morte e da mudança; a vida *verdadeira* enquanto o prosseguimento conjunto da vida através da geração, através dos mistérios da sexualidade. Para os gregos, o símbolo *sexual* era por isto mesmo o símbolo mais louvável em si, a verdadeira profundidade do sentido no interior de toda a devoção antiga. Tudo o que há de singular no ato da geração, da gravidez, do nascimento provocava os sentimentos mais elevados e festivos. Na doutrina dos mistérios, o *sofrimento* é dito sagrado: as "dores das parturientes" sacralizam o sofrimento em geral - todo vir-a-ser e todo crescimento, tudo o que se responsabiliza pelo futuro *condiciona* o sofrimento... Para que haja o eterno prazer da criação, para que a vontade de vida afirme a si mesma eternamente, é preciso que haja também eternamente o "martírio da parturiente"... Tudo isto significa a palavra Dioniso: não conheço nenhuma simbologia mais elevada do que a simbologia *grega*, a simbologia das *dionisiacas*. Nela o instinto mais profundo da vida, o instinto de futuro da vida, de eternidade da vida, é sentido religiosamente - o caminho mesmo até a vida, a procriação, enquanto o caminho sagrado... Somente o cristianismo, com seu ressentimento *contra* a vida por fundamento, fez da sexualidade algo impuro: ele lançou lama sobre o começo, sobre o pressuposto de nossa vida...

5.

A psicologia do orgasmo enquanto uma psicologia de um sentimento de vida e de força transbordante, no interior do qual mesmo o sofrimento atua enquanto um estimulante, me deu a chave para o conceito do sentimento *trágico*, que foi incompreendido tanto por Aristóteles quanto pelos nossos pessimistas em particular. A tragédia está tão distante de provar algo quanto ao pessimismo dos helenos no sentido de Schopenhauer, que ela tem de vigir muito mais enquanto a sua recusa decidida e enquanto uma *contra-instância*. O dizer-sim à vida mesma ainda em seus problemas mais estranhos e mais duros; a vontade de vida, tornando-se alegre de sua própria inesgotabilidade em meio ao *sacrifício* de seus tipos mais elevados - isto chamei de dionisiaco, isto decifrei enquanto a ponte para a psicologia do poeta *trágico*. Não para se livrar de pavores e paixões, não para se purificar de um afeto perigoso através de sua descarga veemente - assim o compreendeu Aristóteles -: mas a fim de, para além de pavor e paixão, *ser por si mesmo* o eterno prazer do vir-a-ser - aquele prazer que também encerra em si ainda o *prazer na aniquilação*... E com isto toquei novamente o ponto, do qual outrora parti - "O Nascimento da Tragédia" foi minha primeira transvaloração de todos os valores: com isto me coloco

uma vez mais de volta ao solo, a partir da qual meu querer, meu *poder* cresce - eu, o último discípulo do filósofo Dioniso - eu, o mestre do eterno retorno...

O MARTELO FALA

Assim falou Zaratustra. 3,90.

*"Por que tão duro!" -falou ao diamante um dia o carvão: "não somos afinal parentes próximos?"
Por que tão frágeis? Ó meus irmãos, assim vos pergunto: vós não sois afinal - meus irmãos?
Por que tão frágeis, tão prontos a ceder e a amoldar-se? Por que há tanta negação, tanta
renegação em vossos corações? Tão pouco destino em vossos olhares?
E vós não quereis ser destino e algo inexorável: como poderíeis um dia vencer comigo?
E se as vossas durezas não querem relampejar e cortar e despedaçar: como poderíeis vós criar
comigo?
Todos os criadores são em verdade duros. E venturança precisa parecer-vos imprimir a vossa
marca sobre milênios como sobre cera, -
Venturança de escrever sobre a vontade de milênios como sobre bronze - como sobre algo mais duro
do que o bronze. Totalmente duro solitariamente é o que há mais nobre.
Esta nova tábu, ó meus irmãos, coloco sobre vossas cabeças: tornai-vos duros! -*